



O Arrebatamento

uma crença absurda

A *Bendita Esperança & o perfil profético*

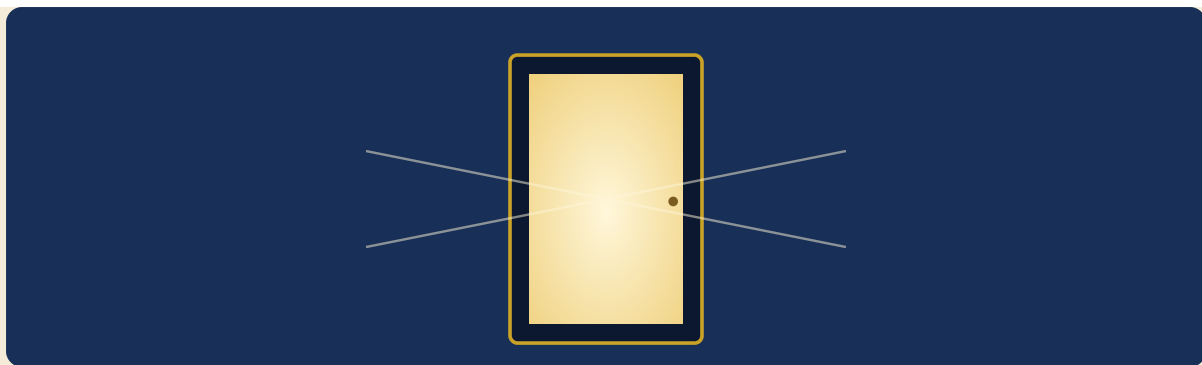
Estudo bíblico de Chuck Missler sobre o arrebatamento (o termo grego *harpazo*), apresentado em duas sessões. Transcrição do áudio (falado em inglês) traduzida para o português do Brasil. As passagens em *itálico sépia*, marcadas como *BKJF*, trazem o texto da Bíblia King James Fiel 1611 inserido após cada citação. As ilustrações são originais, meramente alusivas aos temas.

Bem, esta noite vamos explorar esse tema controverso chamado arrebatamento. E gosto de chamá-lo, em certas ocasiões, de a crença mais absurda de toda a cristandade bíblica. A maioria de nós, provavelmente, nesta plateia, conhece o arrebatamento e adere a essa visão; e, mesmo assim, precisamos reconhecer, ou ao menos admitir em nossa própria mente, que é uma ideia

extravagante, estranha: a de que, em algum momento indeterminado, os que creem em Cristo serão arrebatados, arrancados deste mundo, enquanto o mundo segue adiante com uma agenda muito, muito definida. É uma ideia bem estranha. E vamos fazer isso em duas sessões.

Na primeira sessão vamos explorar o que se chama de a Bendita Esperança. E na segunda sessão entraremos em parte do pano de fundo, e vou chamá-la de "o padrão é o prólogo". Quando entendemos os padrões com que Deus opera, isso é muito, muito útil. Vamos observar a estrutura estratégica das Escrituras. Mas a palavra "arrebatamento" — algumas pessoas dizem que ela não está na sua Bíblia. Bem, na verdade está, mas chegaremos a isso. O termo grego em que ela aparece chama-se harpazo. E o harpazo nós trataremos na primeira sessão, quando falarmos da promessa de Deus, do processo e do propósito. E então, na segunda sessão, falaremos do perfil profético, de onde isso se encaixa, dos problemas associados a ele e, por fim, de uma proposta.

Então a primeira sessão serão os três primeiros, a Bendita Esperança; a segunda sessão serão os três últimos: o perfil profético, os problemas e a proposta. Gosto de citar o Dr. Richard Feynman, do Caltech, que, ao falar de física quântica, fez uma observação muito interessante. Ele disse: "Acho seguro afirmar que ninguém entende a mecânica quântica." Aliás, costuma-se dizer que, de todas as teorias propostas neste século, a mais absurda é a teoria quântica. Alguns dizem que a única coisa que a teoria quântica tem a seu favor, na verdade, é que ela é inquestionavelmente correta. É uma frase muito citada de Feynman sobre o estado atual da física quântica, mas sinto que ela ecoa o mesmo tipo de atitude em relação ao arrebatamento: porque, por um lado, soa tão absurdo; mas a única coisa que ele tem a seu favor é que, quanto mais você estuda a sua Bíblia, mais a leva a sério.



A Bendita Esperança: “Vou preparar-vos lugar.”

E estou falando da Bíblia inteira como um todo integral: quanto mais você a estuda, mais fica claro que o arrebatamento é um ingrediente essencial no programa de Deus. Então vamos examiná-lo. Começamos com a promessa. Se você tem uma Bíblia, vou encorajá-lo a ir a João 14. E, ao fazermos isso, lembremos do contexto. Esta é aquela última noite. Dali eles iriam para o Getsêmani, e por todos os episódios ao longo da noite e do dia seguinte, culminando na crucificação. Jesus acabara de molhar o pão e anunciar que seria traído. Judas, assim identificado, já saía. E algo que vale a pena entender é que o momento foi controlado por Jesus Cristo.

A única coisa que eles não queriam fazer era prendê-lo num dia de festa, certamente não na Páscoa. Se você estudar ali, Mateus 26 e adiante, o pano de fundo. Mas Jesus mesmo entregou o jogo. E anunciou a Judas que era Judas quem o trairia, o que forçou Judas a tomar uma decisão. Se ele ia fazê-lo, tinha de fazê-lo naquela noite; então ele sai para tomar as providências. Mas o que sobra na sala, então, são os onze, os discípulos que creem. Judas se foi. E Jesus faz, anuncia, uma promessa fascinante. O primeiro versículo do capítulo é: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim."

Quatro dias antes, Jesus entrou em Jerusalém montado no jumento e foi proclamado o Mashiach Nagid, o Messias, o Rei. No dia exato que Daniel havia predito — ou melhor, que Gabriel disse a Daniel, cinco séculos antes.

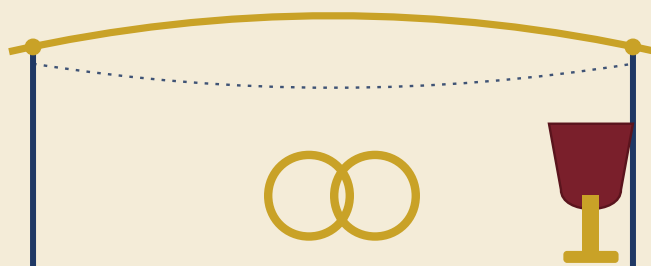
Mas ele está anunciando aos discípulos: credes em Deus, crede também nele. Reconheçamos quão audaciosa é essa afirmação. Anjos não deviam ser adorados, mas ele se coloca bem à parte disso. Há quatro possibilidades. Ou ele era Deus, ou não era; ou sabia, ou não sabia disso. Ora, se ele não era Deus e não sabia disso, teríamos de condená-lo como um lunático. Devemos essa simplificação a C. S. Lewis, mas ela certamente faz sentido.

Se ele não era Deus e sabia que não era, então é um mentiroso. Deveria ser apedrejado. Obviamente, se ele era Deus, ele sabia. Mas, se ele era Deus e sabia que era Deus, então o chamamos de Senhor. E é disso que tudo isto se trata. Porque tudo isso é verdade, ele vai anunciar o seu programa. No versículo seguinte, ele diz: "Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E, se eu for preparar-vos lugar, virei outra vez e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também." Um compromisso fabuloso, fabuloso.

Jesus também mencionará, antes que a noite termine, que é essencial que ele vá embora, para que o Espírito Santo possa vir, para que o Consolador possa vir. Por alguma razão não revelada, eles parecem ser mutuamente exclusivos. Jesus teria de partir antes que o Consolador pudesse ser dado. E vai ser interessante. Veremos essa inversão ocorrer antes de ele retornar: o Consolador, no sentido de que ele habita em nós, será retirado, e então ele virá. Mas o principal a notar aqui é que vemos muitas menções à casa do Pai. Sabe, tendemos a visualizar o céu provavelmente como uma rua com edifícios, porque pensamos em cidades.

Mas o sentido aqui, ao menos, é que de fato teremos um ambiente especialmente feito sob medida dentro da casa do Pai. E ele vai lá para preparar um lugar. É irresistível não notar que Deus criou este universo em seis dias. E só conhecemos o universo depois da maldição. E mesmo depois da maldição é de

tirar o fôlego redescobrir este universo. Jesus foi preparar um lugar para você. E há quanto tempo ele está nisso? Uns dois mil anos. Suspeito que vá ser algo bastante magnífico. "E, se eu for preparar-vos lugar, virei outra vez e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também" — e, a partir daquele momento, estaremos sempre com ele.



O modelo do antigo casamento judaico: a aliança, o preço, o dossel (chupá) e o cálice.

Agora, quero que você note a frequência da palavra "vós" nesses versículos. "Se assim não fora, eu vo-lo teria dito; vou preparar-vos lugar. Vou preparar-vos lugar, virei outra vez e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também." E quem é o foco aqui? Vocês são — e os discípulos, é claro, por extensão, nós mesmos. Há um pano de fundo que falta a você e a mim, que é o casamento judaico, especialmente o casamento judaico antigo. Você e eu conhecemos uma forma, fórmula ou ritual de casamento bem distante do antigo casamento judaico segundo o qual a Bíblia é modelada.

Ele começa com a ketubá, o compromisso. Geralmente, da parte do futuro noivo, ele tomava a iniciativa e estabeleciam uma aliança matrimonial. E o preço negociado, o mohar, ele tinha de pagar para adquirir a sua noiva. E, uma vez feito isso, dali em diante ela era posta à parte. Ela era santificada, num sentido, separada. A partir daquele momento, era considerada exclusiva do noivo. Era um contrato com força legal. Lembre-se de José e Maria: estavam

desposados e, mesmo assim, ele teve aquele problema, porque, embora fosse apenas um noivado, ele estava comprometido. Era uma situação de compromisso, em Mateus 1 e também em Malaquias 2, e assim por diante.

E, como símbolo dessa relação, ambos bebiam vinho, selando aquilo. Isso levava ao passo seguinte — e tudo isto você encontra por toda a Escritura, em Juízes 14.10 e 11, e adiante. Mas vamos à próxima parte. Depois que isso acontece, o noivo partia para a casa de seu pai, e tipicamente preparava um cômodo adicional, cuja construção e arranjo levavam algum tempo. Enquanto isso, a noiva se preparava para o retorno iminente dele. Este é um conceito muito interessante que precisamos abraçar e entender, porque é mencionado por toda a Escritura.

E é o seguinte: o noivo — eles estão comprometidos, mas ainda não casados. E o noivo está ausente. E por quanto tempo ele ficará fora é deliberadamente indeterminado. Ela não sabe quando ele vai voltar. É isso que queremos dizer com iminência. Não havia nenhum evento pré-condicionante que tivesse de ocorrer antes que ele pudesse voltar. E, quando ele finalmente voltava, havia uma reunião surpresa, geralmente à noite, muitas vezes à meia-noite. E às vezes ele ficava fora, digamos, talvez um ano, enquanto acrescentava um cômodo à casa de seu pai. E isso, é claro, dava a ela uma oportunidade de preparar o seu enxoval e se aprontar para a vida de casada.

E então, ao fim dessa separação, ele vinha buscar a sua noiva. O noivo, o padrinho e outros acompanhantes deixavam a casa do pai e conduziam, tipicamente, uma procissão à luz de tochas até a casa da noiva. E, embora a noiva esperasse a vinda do seu noivo, ela não sabia quando seria. E assim, em consequência, a chegada do noivo costumava ser precedida de um brado, que avisava a noiva para estar preparada, pois ele estava chegando. Nas notas que acompanham este material, teremos todas as referências e as autoridades para

todas essas coisas. Mas isso então leva à chupá. Aliás, posso mencionar que essa reunião surpresa é até memorizada em Mateus 25 por Jesus, quando ele fala das famosas dez virgens.

Entenda aquela parábola, o seu contexto. Elas estão esperando a surpresa da vinda do noivo. Você encontra isso por todas as Escrituras, se souber onde olhar — Salmo 45, e assim por diante. Mas, enfim, a chupá então leva ao casamento propriamente dito. E eles eram escoltados pelos membros do cortejo nupcial até a câmara nupcial. Originalmente uma chupá, e hoje apenas memorizada com um pequeno dossel; mas, nos dias originais, era uma câmara separada. E, antes de entrar na câmara, a noiva permanecia com o véu, de modo que ninguém pudesse ver o seu rosto. Enquanto os homens do noivo e os da noiva esperavam do lado de fora, a noiva e o noivo entravam sozinhos na câmara nupcial.

Ali, na privacidade daquele lugar, eles entravam na união física pela primeira vez, o que consumava o casamento — algo pactuado, presumivelmente, talvez um ano antes. E, depois de consumado, o noivo saía da câmara nupcial e anunciava a consumação do casamento aos membros do cortejo; e então o cortejo o anunciava aos convidados, e assim por diante. E isso leva, é claro, à ceia das bodas. Durava tipicamente sete dias. Você encontra isso em vários lugares: Juízes 14, Mateus 9 e Mateus 22 — novamente, temos isso usado como expressão nas parábolas e assim por diante.

Então eles tinham uma grande festa de casamento. E, depois dos sete dias, a noiva era revelada e todos podiam ver o seu rosto, e assim por diante. Então é isso. Agora, o interessante é que esse modelo de casamento não está apenas nas Escrituras e em outras autoridades; ele se cumpre na linguagem da igreja nas Escrituras. A aliança foi estabelecida — 1 Coríntios 11.25 (*BKJF*: «Depois, da mesma maneira também, ele tomou o cálice, depois de cear, dizendo: Este cálice

é o novo testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim.») trata disso. O preço da compra não foi outra coisa senão o próprio sangue de Cristo — 1 Coríntios 6.19 a 20 (*BKJF: «Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que está em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por um preço; portanto, glorificai a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais são de Deus.»*), conforme desenvolve isso. Aliás, é isso que normalmente fazemos quando tomamos a comunhão: comemorar isso. A noiva, então, era posta à parte.

Vale a pena ler com bastante atenção Efésios 5.25 a 27 (*BKJF: «Maridos, amem suas esposas, assim como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, ou ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível.»*), onde temos as instruções em que Paulo diz que as esposas se sujeitem aos seus maridos, e assim por diante. E ele percorre toda essa questão. E então até cita Gênesis 2.24 (*BKJF: «Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se apegará à sua mulher, e eles serão uma carne.»*): "Por isso deixará o homem a sua mãe e o seu pai e se unirá à sua mulher, e serão os dois uma só carne." Ele cita isso no contexto da noiva de Cristo e do próprio Cristo, Cristo e a igreja. No versículo logo seguinte a essa citação, ele diz — mas, justo quando você chega ali, você pensa que o que Paulo está falando é da relação matrimonial.

Mas então ele te surpreende. Ele diz: "Falo a respeito de Cristo e da igreja." Ele está expressando esse modelo. E somos lembrados da primeira aliança em 1 Coríntios 11. O noivo, no presente, partiu para a casa do pai. É lá que ele tem estado durante este período de intervalo. E haverá uma escolta para acompanhá-lo em seu retorno, a fim de reunir a sua noiva. E veremos isso em 1 Tessalonicenses 4, em breve. Então, isso nos leva ao processo. Entendemos

que ele vai reunir a sua noiva. Como ele fará isso? Sabe, é interessante para mim perceber que, mesmo sem nenhum texto, você sabe que o arrebatamento tem de ocorrer, porque há um ponto em que todos os crentes vão receber corpos de ressurreição e estar com o Senhor.

Bem, sempre que isso acontecer, haverá alguns crentes que ainda não morreram. Então eles serão transformados, junto com os corpos sendo ressuscitados. É só isso que queremos dizer com arrebatamento. Bem, isso pode ser descrito aqui em 1 Tessalonicenses 4. Mas, antes de entrarmos nisso, toda essa ideia do corpo de ressurreição não é apenas uma ideia do Novo Testamento. Está por toda a Bíblia. Aliás, o livro mais antigo da Bíblia, Jó 19, registra — Jó diz: "Eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra. E, depois de consumida a minha pele, contudo, na minha carne verei a Deus; vê-lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos o contemplarão, e não outro, ainda que as minhas entranhas se consumam dentro de mim." Uma declaração incrível da sua convicção na ressurreição do corpo.

Mas, na igreja de Tessalônica, Paulo esteve ali por cerca de três semanas, fundou aquela igreja e, pouco depois de partir, descobriu que estavam ficando muito perturbados porque alguns dos seus amigos haviam morrido. Uma avó aqui, uma mãe ali, o que fosse; e alguns deles, na comunidade dos crentes, haviam morrido, e estavam perturbados porque sentiam, aparentemente, que os que haviam morrido tinham, de algum modo, ficado de fora de algo. É interessante que tivessem tanta consciência do retorno iminente. Mas então Paulo escreve na carta, em 1 Tessalonicenses capítulo 4, dizendo: "Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que dormem" — o que é um eufemismo para os que faleceram.

— para que não vos entristeçais como os demais, que não têm esperança. Então ele está falando aqui dos mortos que creem, certo? "Porque, se cremos

que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que dormem em Jesus, Deus os tornará a trazer com ele." Certo, então, quando ele voltar, vai trazê-los consigo. "Dizemo-vos, pois, isto pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem." Então este é o lugar onde ocorre a palavra "arrebatamento", a expressão "arrebatados", no grego como *harpazo*. E é interessante notar que muitas vezes não percebemos que a citação termina no versículo 17.

Eu acho que o versículo 18 faz parte desta passagem. Ele diz: "Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras." Há pessoas que creem que o arrebatamento ocorrerá depois da Grande Tribulação. E isso põe o Senhor — isso põe o noivo — num tipo de programa assim: "Venha, vamos nos casar. Depois vou te dar uma surra de quase matar, e então iremos jantar." Consolai-vos uns aos outros com estas palavras. Dizem que a palavra "arrebatamento" não aparece na sua Bíblia. Aparece, sim, se você estiver lendo a Bíblia latina. Na Vulgata — esta é a Vulgata Latina — a palavra é *rapiemur*, que é o tempo verbal próprio de rapio, do qual vêm as nossas palavras inglesas "rapt" e "rapture", do particípio passado de rapio.

Portanto, deriva desse verbo. Então a palavra "arrebatamento" ocorre, com efeito, em seu tempo próprio na Bíblia latina, na Vulgata. É daí que vem esse termo. As pessoas que dizem que "arrebatamento" não está na Bíblia não fizeram o dever de casa. Na verdade, por surpreendente que pareça, há sete arrebatamentos nas Escrituras. Enoque, pode-se dizer, foi arrebatado lá em Gênesis 5, assim designado em Hebreus 11. Elias foi levado em 2 Reis 2. Jesus, é claro, é o exemplo clássico. E Filipe, em Atos 8, versículo 39. Paulo, quando é levado ao terceiro céu em 2 Coríntios 12 — são todas passagens conhecidas. E o corpo de Cristo é mencionado aqui em 1 Tessalonicenses 4.

E há mais um, quando João é chamado para cima no primeiro versículo de Apocalipse capítulo 4. Aliás, o interessante é que em quatro desses casos a própria palavra harpazo é usada. E, para mim, provavelmente o mais provocante de todos é Apocalipse 12.5 (*BKJF: «E ela deu à luz a um filho homem, que há de governar todas as nações com um cetro de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono.»*). Em Apocalipse 12 temos Israel retratado como a mulher — a mulher que, num certo sentido, começa em Eva. É a mulher que deu à luz o filho varão, o Messias. Ela deu à luz um filho varão. Mas algumas pessoas tentam fazer dela a igreja, em Apocalipse 12. Isso é, novamente, uma invenção estranha, porque claramente ela é identificada pelas suas imagens ali, extraídas de Gênesis.

Jacó, em Gênesis, na verdade a identifica para você. Mas, além disso, ela é a que deu à luz o filho varão. Ela é a mãe. Não é a esposa nem a noiva. Ela deu à luz um filho varão que havia de reger todas as nações com cetro de ferro. Quem seria esse? Jesus Cristo. Salmo 110, e vários lugares. Certo. "E o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono." Sempre que eu lia isso quando criança, presumia que se referia à ascensão. E pode muito bem ser. Mas creio que foi G. H. Pember quem primeiro reconheceu a possibilidade de que o que pode estar em vista aqui seja o arrebatamento do corpo de Cristo, a própria igreja.

Aliás, a palavra ali para "arrebatado", curiosamente, é harpazo, a mesma palavra que temos em 1 Tessalonicenses 4. Certo, então esse é o processo. Qual é o propósito de tudo isso? O que está acontecendo? Bem, 1 Coríntios 15 trata disso para nós. Diz: "Mas digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção." Então esse é o nosso problema. Estamos salvos, sim, mas ainda estamos na carne. A carne não pode herdar. Então tem de haver uma transição. Para os que

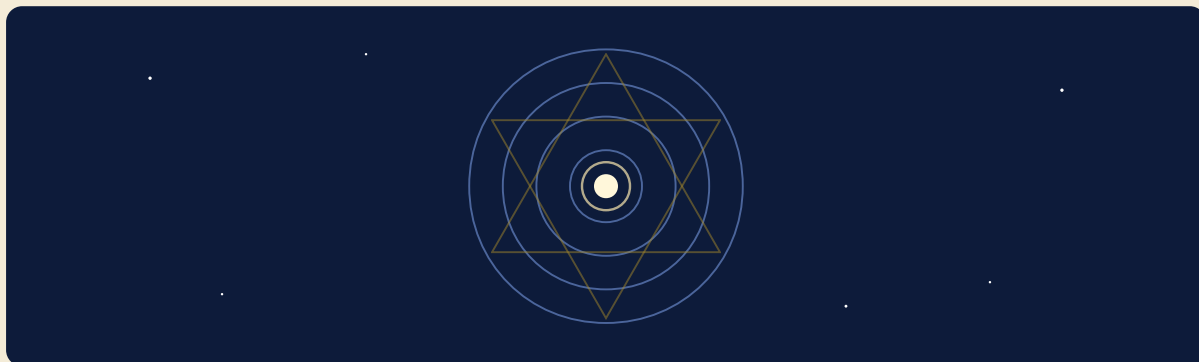
morreram, é na ressurreição. A ressurreição — sabe, tanta gente fica perplexa com a tecnologia do arrebatamento.

Isso há de ser mais fácil do que estender a mão e recolher alguém já decomposto num caixão. Mas, curiosamente, antes de deixar esse tópico, devemos a Michael Crichton uma demonstração da tecnologia que seria necessária para fazer isso. Porque, em seu romance clássico sobre o Jurassic Park, essas criaturas pré-históricas são criadas a partir de nada mais que um pedaço de informação. Acontece que é o DNA capturado, e eles têm, no enredo, um mecanismo que faz isso. Mas é interessante, se você percebe o que está ocorrendo ali: é uma demonstração de como se poderia criar uma criatura pré-histórica a partir de nada mais que um pedaço de informação.

Tudo de que Deus precisa para ressuscitar você é o seu DNA, e talvez um pouco mais — mas um pedaço de informação. Porque os átomos específicos que ele venha a escolher usar são, de qualquer modo, elementos intercambiáveis, para montar e juntar. E suspeito, com certa confiança, que não seremos necessariamente feitos de moléculas de hidrocarboneto num corpo de ressurreição. Aliás, há algumas surpresas chegando, chegaremos a isso. Mas o ponto, o ponto principal, é que essa transição tem de ocorrer. Em 1 Coríntios 15, como o capítulo realmente trata de toda a questão da ressurreição, eu poderia argumentar — e creio que Paulo argumentaria — que é provavelmente o capítulo mais importante da Bíblia.

Porque, sem 1 Coríntios 15, não temos nada. É a chave de tudo. Mas no versículo 51 ele diz: "Eis que vos digo um mistério." Ora, "mistério", no grego, a palavra significa algo que até agora esteve oculto e que estou agora revelando. Eles usavam o termo "mistério" de modo um pouco diferente de como o usamos. É mais como revelar uma senha. "Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados." Note o

"nós" aí, aliás. Paulo se identificou nessa categoria de maneiras surpreendentes, especialmente até na segunda carta, à qual chegaremos. "Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta."



“Num abrir e fechar de olhos”: a translação e o corpo de ressurreição.

"Porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que este corpo mortal se revista da imortalidade." Então esta é a transição que está ocorrendo. E esse "abrir e fechar de olhos", aliás, não é uma piscada. Uma piscada é um período longo de tempo. Pessoalmente suspeito — é uma conjectura minha — que isso vá ser cerca de 10 elevado a menos 43 segundos, porque esse é o limite digital. Uma das coisas que sabemos hoje... E não estou sendo jocoso. Sei que costumo ser, mas nós vivemos numa simulação digital.

Uma das grandes descobertas da física quântica é que comprimento, massa, energia, tempo — quase tudo com que podemos lidar neste universo — é composto de unidades indivisíveis. Você pensaria que, com o comprimento, não importa o que você tenha, dá para cortá-lo ao meio, e o que sobrar dá para cortar ao meio de novo. E poderia fazer isso para sempre, ao menos conceitualmente. Não, não pode. Chegue a 10 elevado a menos 35 centímetros. Se você tentar dividir isso ao meio, deixa de ter localidade. Torna-se imediata-

mente conectado a todo o resto do universo. A comprovação da não localidade por Alain Aspect e sua equipe, lá em 1982, chocou o mundo da física.

No macrocosmo, o universo é finito. É uma grande descoberta da ciência do século XX. No microcosmo, seja massa, tempo, o que for, é feito de unidades indivisíveis. A menor unidade de tempo é 10^{-43} segundos. Menor que isso não existe. É digital, e isso é profundamente significativo. O ponto é que é por isso que eu suspeito que essa seja provavelmente a unidade de tempo, porque o "abrir e fechar de olhos" — veja, é a velocidade da luz: quanto tempo a luz leva para atravessar a sua íris? Cerca disso. Mas, enfim, vamos seguir. O clímax, então, é o versículo seguinte. Ele diz: "E, quando este corpo corruptível se revestir da incorruptibilidade, e este corpo mortal se revestir da imortalidade, então se cumprirá."

A palavra que está escrita: "Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó sepulcro, a tua vitória?" Ora, sobre a física da imortalidade, tivemos algum material de apoio sobre isso. Então, se eu quiser apenas extrair algumas coisas que você pode achar interessantes... A primeira coisa que me fascina é a questão da dimensionalidade. Sabemos que Jesus Cristo, em seu corpo físico, junto ao Mar da Galileia, era um corpo tridimensional. Dava para tocá-lo, viam-no comer, e ele era familiar. Mas também sabemos que, depois da sua ressurreição, ele tinha algumas propriedades muito incomuns. Ele podia entrar e sair de uma sala sem passar pelas paredes, pelo piso ou pelo teto.

Pensamos num cubo como tendo seis faces, mas ele podia entrar e sair sem passar por nenhuma dessas seis faces. Ora, se você é matemático, consegue lidar com isso, porque está lidando com hiperespaços. Só há dois tipos de gente que conseguem lidar com hiperespaços: matemáticos com treinamento especial e crianças pequenas. Mas você e eu provavelmente temos dificuldade

com isso. É aqui que isto surge — veja, algumas pessoas especulam que Jesus... os que são especialistas nessa área tendem a conjecturar que Jesus precisaria ter pelo menos 11 dimensões para realizar o que ele realiza. Ora, você e eu não conseguimos relacionar isso sem alguma matemática, e vamos entrar nisso aqui.

Mas o ponto é que precisamos entender que estamos lidando aqui com espaços de mais de três dimensões. E 1 João 3.2 (*BKJF: «Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Mas sabemos que, quando ele aparecer, haveremos de ser semelhantes a ele; porque haveremos de vê-lo assim como ele é.»*) tem um versículo fascinante. Em 1 João 3.2 ele escreve: "Agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser; mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque assim como é o veremos." Ora, isso à primeira vista soa como um jogo de palavras; e, no entanto, o que ele está dizendo, com efeito — veja, você e eu, quando olhamos, digamos, para um conjunto de plantas de uma casa, olhamos para uma representação bidimensional de uma casa tridimensional.

E, quando você olha para uma pintura, é a representação bidimensional, feita por um artista, de um espaço tridimensional. O que ele realmente está dizendo aqui: "sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque assim como é o veremos." Não vamos ver uma representação tridimensional de um ser quadridimensional, nem uma representação pentadimensional de um ser hexadimensional. Seja o que for, seremos semelhantes a ele, porque vamos vê-lo como ele é. Veja, a única maneira de você obter uma representação tridimensional de uma pessoa tridimensional é ser uma pessoa tridimensional junto dela. Você me acompanha? É isso que ele está dizendo. Então, seja lá o que ele for...

Seja o que for, seremos semelhantes a ele, porque o veremos como ele é. Quando faremos isso? Quando ele se manifestar. Isso é empolgante. Isso é empolgante. Agora, em 2 Coríntios 5, há uma passagem que costuma ser ignorada pelas pessoas envolvidas nessa questão do arrebatamento, e que surgiu em nossos estudos quando investigávamos Gênesis 6; e devo a Thomas Ice, em seu boletim recente, o destaque de outra coisa. Então temos algo a trocar aqui, meio interessante. Enfim, em 2 Coríntios 5, o primeiro versículo diz: "Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus."

"E, por isso, também gememos, desejando ardentemente ser revestidos da nossa habitação que é do céu." Ora, é no grego que isto tem algumas sutilezas às quais queremos ser sensíveis. "Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo..." — ele está usando aqui a imagem de uma tenda para as nossas moradas temporárias. Por quê? Porque uma tenda é tipicamente considerada uma moradia temporária, para acampar, o que for. Você e eu estamos em nossas moradas temporárias, que nos servem por um período de quanto — setenta anos, ou o que for. "Sabemos que, se a nossa casa terrestre desta tenda se desfizer, temos de Deus um edifício" — um edifício de Deus.

Ele está passando para uma imagem mais permanente aqui. "Uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus." Sabe, uma coisa — deixe-me inserir isto também. Sabe, a maioria de nós tende a pensar nisto — neste púlpito ou no nosso universo físico — como sendo o real, e tendemos a pensar no universo espiritual como uma espécie de coisa efêmera, invisível, meio nebulosa, um tipo de mundo do faz de conta. É o contrário. Este púlpito é uma simulação. É uma simulação elétrica. Ele só parece sólido. Há mais espaço do que matéria

sólida aqui, se você realmente entende a estrutura atômica. É o universo real que é o real.

Isto é uma espécie de simulação. Mas, enfim, ele prossegue, então: "porque, neste tabernáculo, gememos, desejando ardentemente ser revestidos da nossa habitação que é do céu." Ora, a palavra "habitação" aqui é uma palavra interessante. No grego é *oikētērion*, e é interessante porque só ocorre duas vezes na Bíblia. Uma vez aqui, referindo-se àquilo a que aspiramos em nossos corpos de ressurreição; o único outro lugar em que aparece é em Judas 6. E ali é uma alusão estranha. Em Judas 6 ele está falando dos acontecimentos bizarros de Gênesis 6: "e aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, reservou debaixo da escuridão, e em prisões eternas, até ao juízo daquele grande dia."

Ele está se referindo ao juízo daqueles anjos que geraram os nefilins em Gênesis 6. E o interessante é este "principado" — a palavra é *archē*, que significa principado ou majestade, seja de anjos, seja de demônios. Eles abandonaram isso. Não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação. A palavra "habitação" ali, de novo, é *oikētērion*: essa morada da qual eles se despiram para se envolver nessa maldade em Gênesis 6. É a mesma palavra que descreve aquele corpo a que aspiramos nos corpos de ressurreição, que nos será dado instantaneamente no arrebatamento. Aliás, veja o versículo seguinte. É interessante: Paulo revela algo aqui no terceiro versículo de 2 Coríntios 5.

Ele diz — retomando, deixe-me pegar primeiro o versículo 2: "Porque também por isto gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação que é do céu; se é que, estando vestidos, não formos achados nus." Do que cargas d'água ele está falando? Veja, quando alguém morre, o seu corpo, claro, vai para a terra, ou o que for. O que acontece com o seu espírito? Alguém sabe?

Estão imediatamente com o Senhor — o espírito. Ainda não têm os seus corpos. Eles recebem os corpos na ressurreição. Paulo usa essa expressão "nus" para descrever estar com o Senhor, mas sem o corpo, até a ressurreição. E o que ele revela aqui, curiosamente, é o seu desejo, a sua esperança de poder ser arrebatado, para não ficar "nu" durante aquele intervalo, seja qual for esse intervalo.

E "ser revestidos", no versículo 2, é *ependyomai*. Vem de *epi* e *endyo*. Significa vestir por cima, pôr uma peça de roupa sobre outra que já se está usando. Então é a aspiração de Paulo poder ser arrebatado, porque aí a coisa toda acontece de uma vez. Pois o que estava em vista aqui era a ideia de que o espírito ficaria com o Senhor por algum intervalo, desde o momento em que morresse até que a ressurreição ocorresse. Ora, o que matiza isso é a possibilidade de que toda a dimensão do tempo seja diferente daquele lado da questão. Mas isso é assunto para outra ocasião. Falamos sobre o casamento judaico: a *ketubá*, o noivado, o pagamento do preço da compra, a noiva posta à parte, o noivo que parte para a casa de seu pai e prepara o cômodo adicional.

E a noiva, então, se prepara para o retorno dele, que é iminente. Pode acontecer a qualquer momento. E isso leva a um ensino muito fundamental no Novo Testamento. Chamamos de doutrina da iminência. E o que ela simplesmente significa é que não há nada que precise ocorrer antes. Não significa que vá acontecer amanhã, mas pode acontecer amanhã, ou na semana que vem, ou a qualquer hora. Não há requisito anterior. Se é iminente, significa que pode ser agora mesmo. A palavra "iminente": é a próxima expectativa. O próximo evento no programa de Deus é a noiva ser recolhida pelo noivo. Há toda sorte de outras coisas que acontecerão em seguida, mas essa é a próxima a acontecer, a próxima expectativa.

Não há condição anterior. (Em inglês, não confunda "imminent" com "immanent", grafado com A: isto significa que Deus não é apenas transcendente, ou muito acima de nós, mas está sempre conosco e atuando em nosso favor. Então esse termo, na teologia, tem outro sentido e outra grafia. Nem deve ser confundido com "eminent", que é um título de honra reservado a pessoas de notável distinção.) São, portanto, três palavras diferentes que costumam ser confundidas. "Imminent", com I, significa a próxima expectativa: nada precisa ocorrer antes. Os crentes são ensinados a esperar o Salvador vindo do céu a qualquer momento. Isso está por todo o Novo Testamento: Filipenses 3.20 (BKJF: «*Mas a nossa cidadania está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo,*»), Tito 2.13 (BKJF: «*aguardando a abençoada esperança e o aparecimento glorioso do grande Deus e nosso Salvador Jesus Cristo,*»), Hebreus 9.28 (BKJF: «*Assim também Cristo ofereceu-se uma só vez para levar os pecados de muitos, e para aqueles que o buscam ele aparecerá pela segunda vez sem pecado, para a salvação.*»), 1 Tessalonicenses 1.4-5, Apocalipse 22, e assim por diante.

Claramente, você não consegue atravessar o Novo Testamento sem perceber que os crentes deviam conduzir a vida numa expectativa, momento a momento, do retorno do Salvador. Todo esse conceito é a iminência. Se você entende esse conceito, vai descobrir que muitas teorias que andam circulando por aí o violariam. Se há condições anteriores, isso fura a doutrina da iminência. E 1 Tessalonicenses 1.10 (BKJF: «*e esperar seu Filho do céu, a quem ressuscitou dentre os mortos, Jesus, que nos livrou da ira que há de vir.*») é o melhor exemplo: expressa a esperança e o calor da expectativa. E ela deve resultar numa vida vitoriosa e purificada. As pessoas que vivem com essa expectativa cuidam do que lhes cabe, vivem a vida numa expectativa literal de que o Senhor pode vir a qualquer momento.

No instante em que você começa a abrir mão disso é quando começa a escorregar. É uma doutrina muito, muito purificadora. Aliás, Paulo parecia incluir a si mesmo entre os que aguardavam o retorno de Cristo. Vimos isso em 1 Tessalonicenses 4 e 2 Tessalonicenses 2 — o segundo testemunho é o de 2 Coríntios 5, que acabamos de ver. Timóteo foi exortado por Paulo a guardar esse mandamento sem mácula e irrepreensível até o aparecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. E os crentes hebreus foram lembrados de que "ainda um pouquinho de tempo, e o que há de vir virá, e não tardará" (Hebreus 10). Há muitos desses textos. Aliás, a instrução do Senhor, por outro lado, é "negociai até que eu venha".

E veja: a expectativa de alguns era tão forte que paravam de trabalhar. Sabe: "o Senhor vem na próxima terça-feira, vamos relaxar." E então tiveram de ser exortados a voltar aos seus empregos, em 2 Tessalonicenses 3, e a ter paciência (Tiago 5.8). Havia uma expectativa tal que eles meio que exageravam, punham os pés sobre a mesa, sabe. E isso é trágico, porque também é uma crítica legítima às pessoas que abraçam a doutrina de que estou falando, o arrebatamento pré-tribulacional. Algumas pessoas que não compartilham dessa visão podem nos criticar, porque há em nós uma tendência a não arregaçar as mangas e reconhecer que há coisas a fazer nesse meio-tempo.

Então há dois problemas extremos. Um é o que chamo de "rapturite", a paralisia do arrebatamento, digamos. E o outro é a "rapturomania", os marcadores de datas. Ambos são extremos opostos. A rapturite: é uma demência tipicamente americana, eu creio. Quando viajo para o exterior, não a encontro tanto quanto aqui. Mas aqui na América é impressionante quantas pessoas que creem no arrebatamento, no arrebatamento pré-tribulacional... Só porque a igreja — creio que se pode demonstrar pela Escritura, e entraremos nisso na próxima sessão — não passará pela Grande Tribulação, por que

haveríamos de escapar daquilo que a maior parte do corpo de Cristo, na maior parte do mundo, durante a maior parte dos últimos 2.000 anos, teve de suportar?

Chama-se perseguição. À igreja foi prometida perseguição. E você pode chamar essa perseguição de "tribulação". São tempos difíceis. Não é a Grande Tribulação tal como definitivamente descrita. É tribulação que vem de onde? De onde vem a perseguição da igreja? Do mundo e de Satanás. A Grande Tribulação tem como fonte a ira de Deus. Isso é algo totalmente diferente. A nós é prometido que não experimentaremos a ira de Deus. Podemos experimentar toda sorte de correção. Podemos suportar toda sorte de perseguição, de fato — isso não é a Grande Tribulação. Chegaremos a isso. E há uma atitude, de algum modo especialmente aqui na América, de que os cristãos não terão problema algum. Podemos estar diante de tempos muito sombrios.

De onde tiramos a audácia, a arrogância de presumir que vamos escapar daquilo que a maior parte do corpo de Cristo, e a maior parte do mundo, durante a maior parte dos últimos 1.900 anos, teve de suportar — chama-se perseguição. E agora, o outro lado da moeda são os marcadores de datas. Rapaz, há uma longa história deles. Não vou levá-lo por todos. Mas você pode percorrer quase todo segmento da história. Houve, bem, Joaquim de Fiore no século XIII, um monte deles ao longo do tempo, até épocas recentes: William Miller em 1843, e de novo em 1844. E depois C. T.

Russell em 1874. A maioria de nós se lembra dos livros de Edgar Whisenant, "88 Razões para 1988". Esses livros são peças de colecionador. Harold Camping, em setembro de 1994, tinha aquilo todo "calculado". E, claro, com o ano 2000, agora temos todo um novo ciclo de pessoas com gráficos e diagramas explicando anos de jubileu, o que for. E vamos dar uma olhada rápida na Escritura. "Daquela dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu,

mas unicamente o Pai." Aliás, a referência paralela em Marcos diz, dessa mesma coisa, "nem o Filho, senão o Pai". Passagem interessante. Mateus 24.42 (BKJF: *«Vigiai, portanto, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor.»*): "Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor."

Mateus 24.44 (BKJF: *«Por isso, estai vós prontos também; porque à hora que não pensais, o Filho do homem virá.»*): "Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há de vir à hora em que não penseis." Ali, de novo, não são datas; mas note de novo a iminência presente. Estai prontos, porque não sabeis quando ele virá — ele pode chegar a qualquer momento. Então, não marque datas. "Vigiai, pois, porque não sabeis nem o dia nem a hora em que o Filho do homem há de vir." Creio que a razão de isto não ser claro é que Deus vai pegar Satanás de surpresa. Faz parte da estratégia, creio eu — conjectura pessoal. Estai, pois, também prontos, porque o Filho do homem há de vir à hora em que não penseis (Lucas 12.40 (BKJF: *«Por isso, estai vós prontos também; porque o Filho do homem vem em uma hora que não penseis.»*)).

Atos 1.7 (BKJF: *«E ele disse-lhes: Não pertence a vós saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder.»*): ele lhes disse: "Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder." Ora, o que você descobre ao se aprofundar neste tema é que começa a reunir os versículos que parecem se referir ao que vou chamar de segunda vinda de Jesus Cristo. A maioria de vocês percebe que, na sua primeira vinda, houve mais de 300 profecias especificamente cumpridas. O que talvez você não perceba é que, para cada uma dessas, há oito profecias de uma segunda vinda. Há mais de 2.500 detalhes específicos de uma segunda vinda.

Então, à medida que você avança no seu estudo bíblico, começa a reunir esses textos; e, ao reuni-los e examiná-los, vai descobrir algo bem estranho. Vai descobrir que há um grupo deles que tem muita coisa em comum. E vou

chamá-los, por falta de termo melhor, de "a segunda vinda": ele retorna em poder e estabelece o seu reino. Daniel 7, Daniel 12, Zacarias, por todo o Novo Testamento isso continua, Apocalipse 19. E há toda uma lista. Não vou percorrer cada um individualmente. Estarão nas suas anotações, para quem quiser rastreá-los. Vamos compará-los de outra maneira.

Mas há um grupo que tem em comum certo conjunto de características — umas duas dezenas deles. Há outro grupo, que vou chamar de "as passagens do arrebatamento", que são bem diferentes. Aliás, você descobre que são contraditórias. Num caso, você não sabe quando ele vem; no outro, você vai saber exatamente quando ele vem. Num caso, ele vem em segredo, para os seus; no outro, todo olho o verá. Você começa a perceber: espere um instante — ao estudar esses dois grupos de algumas dezenas de referências em cada balde, você começa a perceber que isto tem de estar falando de duas coisas diferentes.

E de fato está. A segunda vinda de Cristo, no sentido amplo, ocorre em duas fases: uma para a igreja, outra para Israel. Uma para a igreja, a fim de cumprir as suas promessas à sua noiva. E, em segundo lugar, ele vem em poder para cumprir todos os compromissos que Deus estabeleceu, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, quanto a um reino sobre a terra, em que ele tomará o trono de Davi, e assim por diante — tempos muito, muito interessantes. Dois eventos. Vamos contrastá-los de outra maneira, pela função em vez de pela referência. Num caso, o arrebatamento, há uma transladação de todos os crentes. Na segunda vinda, não há transladação envolvida.

Ele vem à terra e estabelece o seu reino sobre a terra, e há pessoas que vivem na terra. Elas têm filhos. Têm... No milênio, haverá pessoas que morrem. É um tipo diferente — sabe, é diferente em alguns aspectos e, ainda assim, não é a eternidade ainda. Essa vem ao fim dos mil anos. No arrebatamento, os santos

transladados vão para o céu. Na segunda vinda, os santos transladados voltam à terra com ele. Coisa diferente. É diferente, é em outro sentido de tráfego, por assim dizer. No arrebatamento, a terra não é julgada; ele não vem à terra.

Ele nos encontra nos ares. O juízo vem depois, na segunda vinda. A terra é julgada. Eis talvez a distinção mais importante entre esses dois grupos de profecias. Num caso, são iminentes — a qualquer momento — e sem sinais. Não há sinal que precise preceder o arrebatamento, a não ser o brado, a voz do arcanjo e a trombeta de Deus. É como "agora". Não há um conjunto de condições prévias que você possa ver chegando. Para a segunda vinda, há o período de tempo mais documentado de toda a Bíblia: uma história de sete anos sobre a qual há mais informação do que sobre qualquer outro período de tempo na Bíblia.

Ela precede a segunda vinda. Se isso começar, você quase consegue marcar a data. Aliás, há uma correção de curso no meio do caminho. Certifique-se de que está no rumo certo. Dizem que o arrebatamento não está no Antigo Testamento. Acontece que eu não acredito nisso. Vou lhe mostrar por quê, mas esse é o ditado padrão. E, claro, a segunda vinda é toda predita por todo o Antigo Testamento. O arrebatamento é só dos crentes. A segunda vinda afeta todos os homens na terra. O arrebatamento ocorre antes do Dia da Ira, conforme prometido. E a segunda vinda conclui — eis o dia da ira. O arrebatamento não tem nenhuma referência a Satanás. Ele não é um participante. Aliás, tudo isso, creio eu, está engendrado para pegá-lo de surpresa.

Na segunda vinda, Satanás é amarrado. Quando o arrebatamento ocorre, é como um tiro de largada para Satanás, porque ele sabe que tem pouco tempo. É só um pouco de tempo. Faz parte do jogo que está em curso. No arrebatamento, Jesus vem buscar os seus. Na segunda vinda, ele vem com os seus. É o que dizem as referências em muitos lugares. O arrebatamento se dá nos ares. A

segunda vinda se dá na terra. No arrebatamento, ele reivindica a sua noiva; na segunda vinda, ele vem com a sua noiva. E, no arrebatamento, somente os seus o verão. Sabe, é interessante: depois da sua ressurreição, ele só foi visto por olhos amorosos e só foi tocado por mãos amorosas.

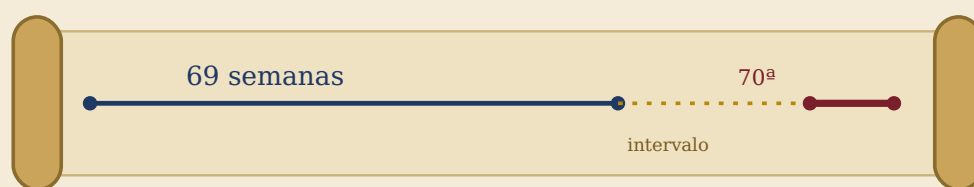
Ele estudou a narrativa com muito cuidado. É muito interessante. Aparentemente, no arrebatamento também, somente os seus o verão. Na segunda vinda, todo olho o verá, e tremerá. No arrebatamento, em geral, a Grande Tribulação começa — e vou ser cauteloso quanto a isso. É assim que costuma ser apresentado. Não necessariamente naquele instante, mas o arrebatamento desencadeia uma série de eventos que conduz à Grande Tribulação. Na segunda vinda, começa o milênio. O arrebatamento é só dos crentes da igreja. Muitos estudiosos apontam que os santos do Antigo Testamento serão ressuscitados depois do milênio. Isso é um choque para muitos, mas você pode conferir Daniel 12 para verificar isso por si mesmo.

Então vemos o casamento cumprido. A aliança foi estabelecida — 1 Coríntios 11. O preço da compra foi pago — 1 Coríntios 6. A noiva foi posta à parte em toda sorte de referências. A maior parte do Novo Testamento são essas exortações à noiva para que se conserve à parte, preservada. Somos lembrados da aliança novamente em 1 Coríntios 11. O noivo partiu para a casa do Pai, e estamos esperando — 1 Tessalonicenses 4. Então, na próxima sessão, faremos uma pausa; mas, na próxima sessão, vou dizer: "o padrão é o prólogo". Vamos observar a estrutura estratégica na Escritura — em parte pela perspectiva estratégica e em parte por algumas surpresas que você pode achar bem provocantes.

Então façamos um breve intervalo. Mas, enquanto isso, quero que você fique pensando no convite que Jesus fez à noiva: "Vou preparar-vos lugar." Ele está preparando um lugar para você? Jesus está ocupado neste exato momento, esta

noite, com um lugar para você? Você tem certeza disso? Porque é realmente disso que se trata tudo. E falaremos mais sobre isso na próxima sessão. Façamos uma pausa. Na nossa primeira sessão, que chamo de a Bendita Esperança, passamos pela promessa, pelo processo e pelo propósito do harpazo, ou arrebatamento. Agora entraremos na segunda sessão, em que falamos de padrões, falamos do perfil profético em que tudo isto se encaixa, de alguns problemas que surgem em decorrência do assunto e, por fim, de uma proposta.

Então vamos dar uma olhada no perfil profético. Sabe, é interessante que Jesus deu uma instrução confidencial sobre a segunda vinda aos seus discípulos. Na verdade, uma instrução muito reservada. Só quatro homens estavam ali. Quatro discípulos: Pedro, Tiago e João — os três do círculo íntimo — mais André, irmão de Pedro. Esses quatro. Jesus lhes deu uma instrução que está registrada em três dos quatro evangelhos. E está registrada, é claro, em Mateus 24 e 25, geralmente tida como a versão definitiva. (Mateus) fazia taquigrafia, então temos a confiança de que provavelmente tinha o registro quase palavra por palavra. Ele precisava ter habilidade em taquigrafia para o seu trabalho como cobrador de impostos. Isso é bem claro.



As setenta semanas de Daniel 9: 69 semanas, um intervalo e a 70ª semana.

Também está registrada em Marcos 13, que é o Evangelho de Pedro, em que Marcos era o seu secretário; e em Lucas, Lucas 21, que o reconstruiu a partir

de comentários posteriores. Ora, curiosamente, o ponto principal — não vou percorrer essas instruções inteiras, isso é um estudo à parte. Então o ponto principal desses três registros é que Jesus destaca uma série de coisas que são "não sinais". Isto, aquilo e mais aquilo vão acontecer, mas o fim ainda não é. Mas então ele destaca o que vem a ser a chave da profecia dos últimos tempos. Ele os aponta para Daniel 9. Há uma passagem muito famosa: os últimos quatro versículos de Daniel 9 são a chave para entender a profecia.

Se você se der ao trabalho de realmente entender esses quatro versículos, então tudo o mais se encaixa no lugar. Eles se tornam um teste decisivo de muitas ideias. Se você realmente entende esses quatro versículos... Muitos livros que li que são confusos também são confusos quanto a Daniel 9. Ou não o mencionam, ou têm teorias estranhas a respeito. É bem claro. Se você quer mesmo começar o seu estudo sério de profecia, vai querer dominar os últimos quatro versículos de Daniel 9, as chamadas 70 semanas. Daniel estava em oração. Sabia, por sua leitura das Escrituras, a saber, Jeremias, que os 70 anos de cativeiro estavam por terminar.

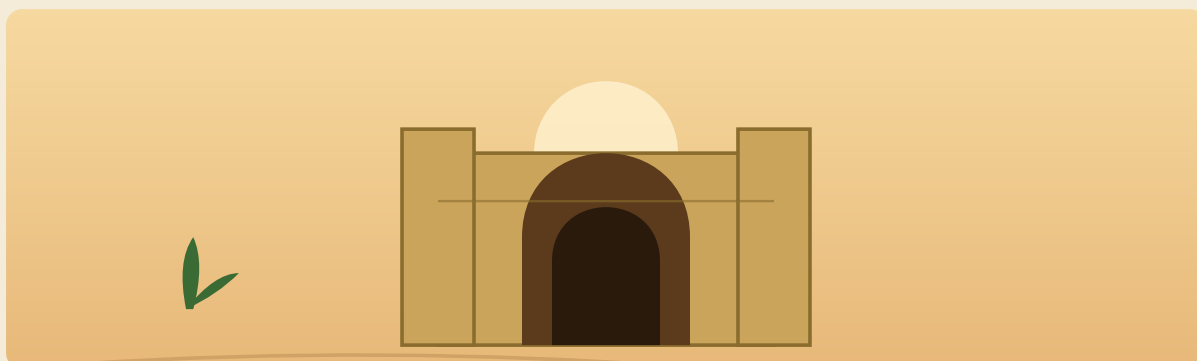
Então ele sabia que estavam prestes a ser liberados para voltar para casa e reconstruir o templo, e assim por diante. E, em consequência de saber disso, ele vai à oração. Ora, que lição! É o que Jesus nos diz para fazer. Quando ele diz, ao orar, "venha o teu reino", como parte do Pai-Nosso, pelo que estamos orando? Por que o seu reino venha a se estabelecer sobre a terra. É espantoso que a maioria das igrejas não creia nisso. A maioria das igrejas, de algum modo, tem uma... voltaremos a isso um pouco mais adiante. Mas, enfim, Daniel está em oração intensa; e, nos primeiros 19 versículos de Daniel 9, ao orar por seu povo e por si mesmo, dá para senti-lo tremer mesmo na tradução para o inglês.

Você observa a frequência dos verbos ficando cada vez mais cerrada. Quase dá para vê-lo tremer, a ponto de ser interrompido nessa oração por Gabriel, que então lhe dá esses quatro versículos clássicos. Daniel capítulo 9, versículo 24 — é um versículo que lhe dá o alcance da coisa toda. O versículo seguinte detalha 69 semanas de anos com precisão. Aliás, a precisão do versículo 25 de Daniel 9 é tão espantosa que é provavelmente o que, cerca de 50 anos atrás, me galvanizou como cristão. Eu já havia aceitado o Senhor, como muita gente faz na adolescência, o que for; mas, quando encontrei, por meio de uma orientação especial, o desvendamento das 70 semanas de Daniel feito por Sir Robert Anderson...

A sua obra clássica de 1894 vale a pena, deveria estar na biblioteca de todos: "The Coming Prince" (O Príncipe Que Há de Vir), de Sir Robert Anderson. De todo modo, o versículo 25, as 69 semanas; depois há um versículo muito crucial de entender, que é o versículo 26, porque ele fala de algumas coisas que acontecem depois das 69 semanas de anos, mas antes da 70^a — ou seja, elas não são contíguas. Muita gente que se atrapalha nisso não percebe que as 70 não são todas contíguas. As primeiras 69 são; depois há um intervalo, com algumas coisas específicas que acontecem nesse intervalo; e então há a última. E, uma vez que você entende essa arquitetura dos quatro versículos, tudo começa a se encaixar com muita clareza.

Nas 69 semanas de anos, o anjo Gabriel diz a Daniel que, desde a ordem de restaurar e reedificar Jerusalém até o Mashiah Nagid, o Messias, o Rei, haveria 69 semanas de anos. Para encurtar a história, são 173.880 dias. Ora, sabemos a ordem de restaurar e reedificar Jerusalém: foi sob Neemias, o decreto de Artaxerxes Longímanso, em 14 de março de 445 a.C. Na verdade, há quatro decretos, mas os outros três diziam respeito ao templo. Se você

estuda o livro de Esdras, sabe que tentaram construir o templo. Só houve problemas, até que Neemias obteve a autoridade para reconstruírem a cidade.



A entrada triunfal pela Porta Dourada, cumprindo Zacarias 9:9.

E é isso que está especificamente expresso no versículo 25. O grande mistério é: muito bem, quando Jesus permitiu que fosse apresentado como rei? Acontece que, se você estuda isso com cuidado, há apenas um único dia em que ele permitiu que acontecesse. Muitas vezes tentaram, e ele dizia: "ainda não é chegada a minha hora". Então, um dia, ele despacha os seus discípulos a um lugar específico para dar uma palavra-código, soltar um jumento; ele toma esse jumento e cavalga de Betânia, sobre o Monte das Oliveiras, descendo pela chamada Porta Dourada para dentro de Jerusalém — cumprindo deliberadamente Zacarias 9.9 (*BKJF: «Regozija-te muito, ó filha de Sião; aclama, ó filha de Jerusalém; eis que o teu Rei virá a ti, ele é justo e tem a salvação; humilde, e montado sobre um jumento, e sobre um jumentinho, filho de jumenta.»*): que o rei viria e se apresentaria sobre um jumento.

E isso ocorreu em 6 de abril de 32 d.C. — e essas datas podem ser fixadas com precisão. E acontece que, entre essas duas datas, há 173.880 dias. A margem de erro de Gabriel foi zero. Ele predisse o dia exato em que o Messias se apresentaria como Rei a Jerusalém. E o que há de espantoso nisso é que foi durante esse intervalo, entre essas duas datas, que toda a Escritura judaica, o Antigo Testamento — o que chamamos de Antigo Testamento — foi traduzida

para o grego. Chama-se a Versão dos Setenta (Septuaginta). E isso foi feito três séculos antes. Três séculos antes, essa profecia já fazia parte do Antigo Testamento e, portanto, foi traduzida para o grego. Então o versículo 25 de Daniel 9, por si só, quando você entende o pano de fundo e o resto, é uma das mais espantosas demonstrações da divindade de Cristo: que ele realmente era quem dizia ser.

Agora, o próximo versículo em que queremos nos concentrar um pouco aqui é o intervalo, que é o versículo 26, entre os dois. "E, depois das sessenta e duas semanas, será morto o Messias" — executado como por crime capital — "mas não para si mesmo." Para quem, então? Para você e para mim. Isso mesmo, garoto. Exato. "Mas não para si mesmo." "E o povo do príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário; e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra; estão determinadas as assolações." Bem, todos sabemos que, quando Jesus cavalgou aquele jumento, ele predisse que a cidade seria destruída. Anos depois ela foi, sob Tito Vespasiano, quando as legiões romanas sitiaram a cidade e, por nove meses, massacraram um milhão.

— e mulheres e crianças — e arrasaram Jerusalém. Então, "o povo do príncipe que há de vir destruirá o santuário". Quem é o povo do príncipe que há de vir? Os romanos. Portanto, o príncipe que há de vir — que é um dos títulos desse governante mundial final — sabemos que vem do Império Romano. Isso não significa que ele venha da Europa Ocidental. É aí que muitos de nós tropeçamos, eu inclusive. Então, naquela minha visão anterior, eu não me dava conta. Vale a pena pensar, porque a perna oriental do Império Romano sobreviveu à ocidental por 1.000 anos. Constantino mudou a capital do mundo de Roma para Bizâncio, chamada Constantinopla.

E a Escritura parece indicar que o Anticristo virá da Assíria. À medida que avançamos sob tensão, à medida que vemos esse caldeirão do Oriente Médio

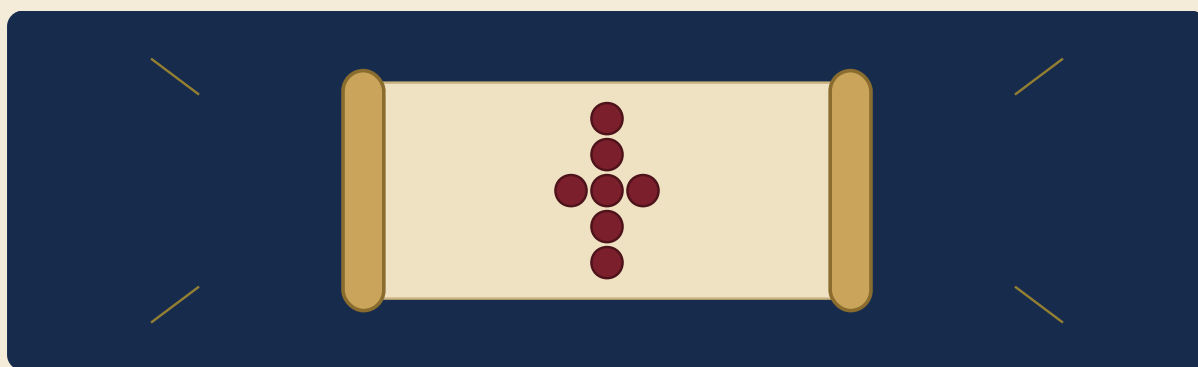
transbordar, à medida que antecipamos tensões com o Iraque, percebemos que essa é a região da qual, em última instância, esse líder mundial virá. Então vai ser empolgante; é hora de fazer o nosso dever de casa. Mas vamos seguir. Eis um diagrama. O primeiro, versículo 25, foram as 69 semanas, 7 mais 62. O versículo 26 foi o intervalo de que falamos. E, nesse intervalo, quatro dias depois da cavalcada no jumento, Jesus é crucificado, mas não por si mesmo. E então temos o templo destruído.

Esses eventos levaram cerca de 38 anos, mas sabemos que esse intervalo teve de durar pelo menos 38 anos. Descobrimos pela experiência que ele já dura a maior parte de 2.000 anos. Mas há o versículo 27 de Daniel 9. É a 70ª semana. As 69 semanas se cumpriram com uma precisão espantosa. A 70ª semana tem mais detalhes descritos a seu respeito, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, do que qualquer outro período prévio da história humana. É o que chamamos de o período estranho, a 70ª semana de Daniel. Como é uma semana de anos, muita gente a chama... bem, a Tribulação é uma Tribulação de sete anos. E isso é cômodo como expressão literária, mas é, na verdade, tecnicamente incorreto.

Sete anos para a semana, sim; mas a Grande Tribulação é a última metade dessa semana. Então vamos dar uma olhada na 70ª semana. Ela é crítica para nós. É definida em Daniel 9.27 (*BKJF: «E ele confirmará o pacto com muitos por uma semana, e na metade da semana, ele fará cessar o sacrifício e a oblação; e pela disseminação das abominações ele a desolará, até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o desolador.»*) como uma aliança imposta por um líder mundial, esse sujeito superpoderoso final. Gosto de chamá-lo de Ninrode II. O primeiro ditador mundial foi Ninrode, e creio que ele virá daquela mesma região, e talvez faça da Babilônia a sua capital. Isso é bem diferente de muitos livros de profecia. Não significa que eu esteja certo, mas

ao menos vai levar você a escavar um pouco por conta própria e verificar por si mesmo.

Mas o ponto principal é que essa semana é definida por uma aliança que ele impõe — o que significa que ele tem de surgir no cenário público antes de ser poderoso o bastante para impor uma aliança que defina essa semana. Então ele vem antes, tem de ocorrer antes que essa semana ocorra. Ora, no meio desse período de sete anos, ele viola essa aliança por meio de um evento que tem um termo técnico chamado "abominação da desolação". E Jesus aponta para esse evento como a chave da profecia dos últimos tempos. E isso vai acontecer no meio desse período de sete anos. A razão de ser tão importante é que ele inicia... A 70ª semana se divide em duas metades.



A 70ª semana e o livro selado com sete selos.

Cada metade é descrita como três anos e meio, é descrita como 42 meses, é descrita como 1.260 dias. Cada metade tem essas referências no Antigo Testamento e no Novo. Repetidas vezes — chamem isso de referências cruzadas de Cristo. Então sabemos que a precisão aqui, da parte do Espírito Santo, está claramente além de qualquer tentativa de torná-la simbólica ou apenas uma figura de linguagem, esse tipo de coisa. Ora, a razão de ser também tão importante é que o próprio Jesus rotula a última metade desse período de sete anos, os últimos três anos e meio, de Grande Tribulação. Ele o faz citando Daniel 12, onde está aludido; ele cita, fixando isso: a partir de

quando você vir a abominação da desolação, então haverá a Grande Tribulação. O que a torna distinta de outras formas de tribulação, à medida que você aprende mais sobre ela...

Você descobrirá que é a ira de Deus sendo derramada. Esta é uma tribulação que não vem de Satanás nem do mundo; é sobre o mundo e, por fim, sobre o reino de Satanás. Então é exatamente o oposto. É por isso que é distintamente diferente. E uma das promessas à igreja é que ela será removida antes que isso aconteça. Outro rótulo desse mesmo período, no Antigo Testamento, em Jeremias 30, é "o tempo da angústia de Jacó". É mundial, mas o seu foco está nos judeus. O primeiro holocausto, na Alemanha, levou um judeu em cada três. Segundo Zacarias 13, versículos 8 e 9, o próximo levará dois em cada três.

O tempo da angústia de Jacó. Um tempo de angústia como nunca houvera até aquele tempo, nem jamais haveria. Veja, por aí em Israel você ouve "nunca mais". Tenho más notícias para eles. Vai acontecer mais uma vez, e pior. Claro, tudo isto, então, é a ocasião da segunda vinda e do estabelecimento do milênio. Assim, a 70ª semana se conclui. Começou com o estabelecimento e a imposição dessa aliança. Conclui-se com a segunda vinda de Cristo e o estabelecimento do seu reino sobre a terra por mil anos. A eternidade começa depois disso. A Grande Tribulação é definida por Jesus numa citação de Daniel 12.

Ele diz: "porque haverá então grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco haverá. E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas, por causa dos escolhidos, serão abreviados aqueles dias." Essa é uma expressão tecnologicamente interessante. Essa frase não poderia ter tido muito sentido para nós se a estivéssemos lendo em meados do século XVIII. Como é que o mundo pode-

ria se exterminar com baionetas e mosquetes? E, no entanto, hoje, trememos toda vez que abrimos o jornal, se percebemos que há armamento nuclear e de outras formas em quantidade suficiente para, literalmente, não só exterminar toda a carne, mas alterar a órbita da terra.

O rótulo judaico para isto, o rótulo do Antigo Testamento, é "o tempo da angústia de Jacó". Daniel 12: "naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe que se levanta a favor dos filhos do teu povo." Miguel é sempre um comandante militar a favor de Israel, toda vez que você o vê. Gabriel é sempre um mensageiro a favor do Messias. É uma questão diferente. "E haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo." É essa a citação que Jesus, com efeito, ecoa. "E, naquele tempo, será salvo o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro."

Então, no fim, eles serão encurralados e, então, salvos. Boa parte do Antigo Testamento amplifica isso, em Oseias e em outros lugares. E "será aquele dia tão grande, que nunca houve igual" — é o tempo da angústia de Jacó, mas ele será salvo dela. Ora, é interessante: os últimos versículos de Mateus 23 descrevem o propósito de toda a história. Ele disse: "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas!" E esse é o propósito de toda a história.

O desejo de Deus de ajuntar os seus. Mas a tragédia de toda a história é que eles não quiseram. O Messias veio como prometido. Aliás, no dia exato em que estava marcado, com centenas de detalhes cumpridos para autenticá-lo — e eles não o quiseram como soberano sobre si. "Não temos rei, senão César", é a sua postura. E assim, em consequência, a grande tragédia: "Eis que a vossa casa vos ficará deserta." Para sempre? Não. Paulo, em Romanos 11.25 (*BKJF*: «*Porque eu não quero irmãos, que ignoreis este mistério, para que não sejais sábios*

em seus próprios conceitos, que a cegueira aconteceu em parte a Israel, até que tenha entrado a plenitude dos gentios.»), diz: "até que a plenitude dos gentios haja entrado" — então Deus vai voltar a lidar com Israel. "Porque vos digo que desde agora me não vereis mais" — e isso dura até que digam: "Bendito o que vem em nome do Senhor", o triunfo de toda a história.

E esse dia será o clímax da tribulação. O propósito da tribulação é encurralá-los para que reconheçam quem é o seu Messias. E, quando o fizerem, ele vem e os resgata. Em Isaías 5.15 *[a passagem citada é, na verdade, Oséias 5:15 — BKJF: «Irei e retornarei ao meu lugar, até que reconheçam a sua ofensa, e busquem a minha face; na sua aflição, buscar-me-ão cedo.»]* — Jesus, ou Deus, diz por meio de Isaías — ele diz: "Irei e voltarei ao meu lugar." Como pode Deus voltar? Ele deve tê-lo deixado. "Irei e voltarei ao meu lugar, até que se reconheçam culpados e busquem a minha face; na sua angústia, me buscarão de madrugada." E de fato o farão. O propósito da tribulação é levar Israel a reconhecer o seu pecado de rejeição do Messias.

Vai ser necessária a tribulação para fazê-los fazer isso como nação. Isso não significa que indivíduos não sejam salvos nesse meio-tempo, mas, como nação, como compromisso coletivo, isso ainda é futuro. Tudo isso acontece em Petra, e assim por diante, e você pode ir verificar. Ora, outra questão que você precisa entender — sabe, a maioria das pessoas que tem dificuldade nessa área não tem problemas de escatologia (o estudo das últimas coisas); tem problemas de eclesiologia e também de hermenêutica, sendo a hermenêutica as suas teorias de interpretação. Voltarei a isso por último, para mostrar que dá para dizer onde você está numa escala hermenêutica pela sua escatologia: a sua escatologia derivará das suas teorias de interpretação. Mas um dos outros problemas que a maioria dos cristãos tem é que não fez o dever de casa quanto ao que se chama eclesiologia, o estudo da igreja.

Em que a igreja é distintiva? Bem, uma coisa é o chamado "corpo de Cristo". É um termo muito singular. O Novo Testamento retrata a igreja como a noiva de Cristo. Encontramos isso em Efésios 5 de modo muito eloquente. Há ali 10 versículos, 11 versículos, do 22 em diante, que detalham isso. Encorajo você a estudá-los. Fala por si mesmo. Você pensa, ao começar, que ele está falando de maridos e esposas. Mas, ao chegar a um clímax, ele te surpreende. Ele diz: "Falo a respeito de Cristo e da igreja." Ele faz uma elipse ali. Ele quer que maridos e esposas se comportem como a igreja deve se comportar diante de Cristo.

Mas então ele inverte. Isso também nos dá uma pista sobre as imagens que ele usa por toda a Escritura. Romanos 7.4, 2 Coríntios 11, Tiago, e assim por diante. Ora, Paulo, naquela passagem, até cita Gênesis 2.24 como uma união na Parousia, ou aparecimento, do noivo. Gênesis 2.24 é aquela passagem famosa que ele cita várias vezes ao longo da Escritura: "Por isso deixará o homem a sua mãe e o seu pai e se unirá à sua mulher, e serão os dois uma só carne." Vem de Gênesis 2.24. Mas, claro, é usada por Paulo em Efésios 5 para dar clímax à união conjugal.

Mas no versículo seguinte ele te surpreende. No versículo 31 ele menciona aquilo. Então o versículo 32 diz: "Falo a respeito de Cristo e da igreja." Então ele usa, de modo bastante intenso, a imagem do corpo de Cristo e da noiva de Cristo. Ora, a igreja está expressamente isenta da ira de Deus. Em 1 Tessalonicenses 5.9 (BKJF: «*Porque Deus não nos designou para a ira, mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo,*»), "não nos destinou Deus para a ira", diz-nos Paulo. E ele o diz de modo enfático naquela passagem. E também Apocalipse 3.10 (BKJF: «*Porque tu guardaste a palavra da minha paciência, eu também te guardarei da hora da tentação que virá sobre todo o mundo, para provar os que habitam sobre a terra.*»). Há, idiomáticamente, um

subconjunto da igreja que está isento da ira de Deus: "também eu te guardarei da hora da tentação", da época da tribulação. Apocalipse 3.10, versículos comumente citados.

Há outra coisa para a qual você deve ser sensível. Quando você lê Daniel 7, encontra uma passagem sobre o Anticristo. Diz: "Eu olhava, e eis que esse chifre fazia guerra contra os santos, e prevalecia contra eles." Ao ver isso, você deveria se chocar, porque talvez se lembre de Mateus 16 — veremos isso daqui a pouco. Quando você olha para Apocalipse 13.7 (*BKJF: «Foi-lhe permitido guerrear contra os santos e de vencê-los; e foi-lhe dado poder sobre todas as famílias, e línguas, e nações.»*), novamente falando do Anticristo: "lhe foi permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los" — sério? "e deu-se-lhe poder sobre toda a tribo, e língua, e nação." Isso é perturbador, porque aqui, em Daniel, ele prevalece contra eles; em Apocalipse 13.7, ele os vence.

Em Mateus 16, em Cesareia de Filipe, Jesus fez um anúncio. É a primeira vez que ele anuncia a igreja. Ele diz: "Digo-te que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela." Ora, é interessante: as portas do inferno são elementos ofensivos ou defensivos? Defensivos. Não é a igreja que se defende de Satanás; é Satanás que se defende da igreja. Quem tem a iniciativa aqui? A igreja. Não nos esqueçamos disso. "As portas do inferno não prevalecerão contra ela." Ora, essas palavras "prevalecer" e "vencer" são perturbadoras, porque, num caso, temos que a igreja não será vencida.

E, no outro caso, o Anticristo prevalecerá sobre eles. Isso leva a uma percepção: sempre que você tem uma contradição, ou aparente contradição, estude com cuidado, porque por trás dela está uma descoberta. E quero que você pense com atenção — temos uma citação tanto de Mateus quanto de Lucas. Usemos Mateus, porque é o mais próximo. Jesus disse em Mateus

capítulo 11, versículo 11: "Em verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João Batista." Bem impressionante. É uma e tanta afirmação. Mas então, no resto do versículo, ele prossegue: "mas aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele." O que está acontecendo aqui?

Estaria ele dizendo que João Batista não era salvo? Não creio. Mas o reino — quando ele usa aqui "o reino dos céus" — ele está se referindo a algo muito específico. Aliás, quando chegamos alguns versículos depois, no versículo 13 de Mateus 11, ele diz: "porque todos os profetas e a lei profetizaram até João." O que ele está dizendo — e o diz mais claramente em Lucas 16.16 (*BKJF: «A lei e os profetas duraram até João; desde este tempo o reino de Deus é pregado, e todo homem esforça para entrar nele.»*) — é: "a lei e os profetas duraram até João." João Batista é o encerramento do Antigo Testamento. Pensamos no Antigo Testamento terminando no livro de Malaquias. Esse é o último livro do Antigo Testamento.

Há ainda 400 anos de história por vir, e esses não são anos silenciosos, como todo mundo os chama de "anos silenciosos". Não, eles são ditados para você em detalhe, de antemão, em Daniel 11. As guerras entre os Ptolomeus e os impérios Selêucidas, por meia dúzia de dinastias, estão ali detalhadas. Tão precisamente que os críticos tiveram de dizer: "puxa, Daniel deve ter sido escrito mais tarde. Não pode ter sido escrito naquela época" — bem, foi. Na segunda de seis dinastias, sob Ptolomeu Filadelfo, é quando a Septuaginta traduziu tudo aquilo para o grego. Já existia. Expõe a história de antemão com uma precisão incrível. Mas o ponto é que a dispensação do Antigo Testamento, o período do Antigo Testamento, encerra-se com João Batista.

João Batista é salvo, mas é salvo sob as regras do Antigo Testamento. Veja, Jesus está introduzindo algo novo. Algo novo. Precisamos entender que nem

todos os santos são iguais. É o único ponto que estou tentando estabelecer aqui. Há santos do Antigo Testamento. Há pessoas salvas no Antigo Testamento. Faça a sua lista. Você consegue adivinhar quem são. Há a igreja, por definição. Não estou falando de igrejas e estruturas. Não estou falando de denominações. Estou falando da verdadeira igreja bíblica que crê. "Igreja" é a palavra (ekklesia) que usamos. Há também pessoas que serão salvas depois que a igreja se for.

Chamam-se "santos da tribulação". Os que morreram durante a tribulação são vistos debaixo do altar, no quinto selo, quando o livro se abre, e assim por diante. Falamos muito sobre isto, mas o ponto é: qualquer um que ache que a igreja passa pela tribulação tem dois deveres de casa a fazer. Você precisa descobrir o que a igreja realmente é. E, ao fazê-lo, vai descobrir que ela está isenta daquilo por uma série de razões. O segundo dever de casa: você precisa descobrir do que a tribulação realmente trata — qual é o seu propósito, qual é o seu objetivo, o que ela vem fazer. Você descobre que são mutuamente exclusivas, por uma porção de razões.

Mas esse é o dever de casa. É por isso. É por isso que esta área de estudo é tão desafiadora: porque você não pode pendurar uma doutrina num único versículo aqui e ali. O que você precisa fazer — o seu teste — é o pleno conselho de Deus. E, quando você tem uma conjectura de algum tipo, ela passa no teste de amarrar todas as pontas soltas? É a integração do todo. E, quando você estuda escatologia, não pode divorciá-la da eclesiologia, o estudo da igreja; e tudo isso é movido pela sua hermenêutica, a sua teoria de interpretação e como ela funciona. Ora, posso mencionar mais uma coisa, aliás, pois há muitos mal-entendidos.

Jesus teve de partir fisicamente para que o Espírito Santo fosse dado à igreja, mas num sentido muito especial. O Espírito Santo sempre existiu e sempre

existirá, mesmo depois que a igreja se for. Mas não no sentido de habitar no crente. Todo o conceito — e, numa instrução rápida como esta, não consigo construir toda a argumentação para você; só quero alertá-lo para a possibilidade e levá-lo a estudá-la por si — o Espírito Santo foi dado de modo singular à igreja, para habitar em você e selá-lo para o dia da redenção. E isso é algo que deixou Paulo perplexo, pois ele conhecia o Antigo Testamento; sabia que Davi podia orar: "não retires de mim o teu Espírito Santo."

Você e eu não podemos fazer essa oração. Podemos cantar essa canção, mas não podemos fazer essa oração, porque o Espírito Santo é dado sem arrependimento, diz-nos a Escritura. Você precisa estudar 1 Coríntios 12 e 1 Coríntios 14, e assim por diante. O Espírito Santo — quando ele é removido nessa relação especial, a igreja é removida; ele continua sendo Deus, e continua no controle. E ele estará muito ocupado. Pessoas eram salvas. Pode haver mais pessoas salvas durante o período da Tribulação do que antes. E quaisquer que sejam salvas, são salvas pelo Espírito Santo. Você precisa entender isso. Ora, há padrões do Antigo Testamento. Há outro tipo de coisa — isto não é algo sobre o que se constroem doutrinas.

É algo que você meio que usa como informação colateral, para ganhar perspectiva. Tenho alguns favoritos. Há muitos deles. Pensei em só lançar alguns. Enoque, no Dilúvio de Noé. Falaremos dele daqui a pouco. Falaremos da ausência de Isaque depois da sua oferta. É interessante: quando Isaque foi oferecido por Abraão, ele é retirado do registro até se unir à sua noiva, dois capítulos depois. Muito interessante. É uma alteração do texto de um modo muito profundo, em Gênesis 22.19 (*BKJF: «Então Abraão voltou aos seus servos, e eles se levantaram e foram juntos a Berseba; e Abraão habitou em Berseba.»*). A maioria de vocês que conhece os meus materiais está familiarizada com isso. Onde estava Rute durante a cena da eira, aos pés de Boaz?

Então você pode estudar toda essa questão tipológica. E onde está Daniel em Daniel capítulo 5? Temos a fornalha ardente — onde estava Daniel? Ele não está lá. Então, na medida em que esses são tipos, eles apontam para uma tipologia pré-tribulacional. Mas deixe-me pegar apenas um e entrar em detalhe; não vou detalhar todos eles. Há três grupos diante do Dilúvio de Noé. Três grupos: os que pereceram no dilúvio, certo? Havia os que foram preservados através do dilúvio — apenas oito em todo o mundo. Aquele mundo talvez tivesse mais de um bilhão de pessoas. Há toda sorte de cálculos que as pessoas fizeram. Não eram apenas algumas tribos; era algo bem substancial.

De todo o mundo, apenas oito foram salvos. O restante foi exterminado. Se você quiser entender por quê, há toda uma história por trás disso. Mas o ponto principal é que há os que pereceram, há os que foram preservados e houve os que foram removidos previamente. Que interessante. E, obviamente, o que foi removido previamente foi Enoque. Você diz: "bem, era só um homem." De fato. Mas o arrebatamento também é uma só pessoa: é o corpo de Cristo. É tratado como um corpo único. Enoque, aliás, nasceu no dia que os judeus observam, por outras razões, como Hag Shavuot. E é interessante: eles têm uma tradição — não sei de onde vem, ao tentar rastreá-la — de que ele foi transladado, arrebatado, por assim dizer, também em Hag Shavuot.

Ele é arrebatado no seu aniversário. Acho que, se eu conseguisse de algum modo provar isso pela Escritura, ficaria muito interessado nisso. Porque ele pode ser um tipo da igreja. A igreja nasceu em Hag Shavuot, a Festa de Pentecostes. Será possível que a igreja também venha a ser transladada, ou arrebatada, no seu aniversário? Sabe, todos os anos, as pessoas que estudam profeticamente as Festas de Moisés gostam de apostar ou na Festa das Trombetas, ou em alguma das Festas dos Tabernáculos, o que for. Não tenho

certeza; acho que é quase um tipo de marcação de data, então eu não iria longe demais com isso.

Mas, se vai ser num dos dias de Festa, o meu candidato seria a Festa de Pentecostes. Acho que está só pela metade cumprida, talvez com outra metade por vir. Shavuot, a Festa das Semanas, da colheita, Pentecostes, o que for. Certo. Agora, outra coisa que quero compartilhar com você. Isto não é doutrina. E você não vai encontrar isto na maioria dos tratamentos teológicos conservadores da escatologia. Hal Lindsey costuma me provocar bastante. Ele me chama de místico, e suponho que sou culpado. Mas quero só lhe mostrar alguns versículos, e você tira as suas próprias conclusões sobre o que eles lhe dizem. Certo, vamos começar primeiro com Isaías 26.

Passagem interessante. Isaías 26, começando por volta do versículo 19. "Os teus mortos viverão, juntamente com o meu cadáver ressuscitarão." Isaías diz: "Despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho será como o orvalho das ervas, e a terra lançará de si os mortos." "Vai, povo meu, entra nos teus quartos." Não nos quartos dele — nos teus quartos. "Vai, povo meu, entra nos teus quartos, e fecha as tuas portas sobre ti; esconde-te só por um momento, até que passe a ira. Porque eis que o Senhor sai do seu lugar, para castigar os moradores da terra, por causa da sua iniquidade; e a terra descobrirá o seu sangue, e não encobrirá mais os seus mortos." Não sei exatamente do que isso está falando.

Tudo o que sei é que diz: "puxa, vai, povo meu, entra nos teus quartos." Fico imaginando que quartos são esses, que podem dar esse tipo de proteção. "Fecha as tuas portas sobre ti, esconde-te só por um momento, até que passe" o quê — até que passe a indignação. Uau, acho isso meio interessante. Porque o Senhor vai sair de um lugar para castigar os moradores da terra por causa da sua iniquidade. É essa a indignação. Até que isso termine, você tem os seus

quartos agora — fique aí e mantenha a porta fechada. Isso está no Antigo Testamento. Que interessante. Vamos dar uma olhada em Sofonias 2.3 (*BKJF: «Buscai ao SENHOR, vós todos os mansos da terra, que tendes moldado o seu juízo; buscai a justiça, buscai a mansidão; pode ser que sejais escondidos no dia da ira do SENHOR.»*).

"Buscai ao Senhor, vós todos os mansos da terra, que pondeis em prática o seu juízo; buscai a justiça, buscai a mansidão; porventura sereis escondidos no dia da ira do Senhor." Essa é uma promessa interessante. É uma promessa interessante. Salmo 27.5 (*BKJF: «Porque no tempo da dificuldade ele me esconderá no seu pavilhão; no segredo do seu tabernáculo ele me esconderá; ele me porá sobre uma rocha.»*): "porque no dia da adversidade me esconderá no seu pavilhão; no oculto do seu tabernáculo me esconderá; pôr-me-á sobre uma rocha." Quem é essa rocha? Cristo. Cristo, isso mesmo. Essa é a parte fácil. Bem, certo, vimos algumas coisas do tipo "padrões". Vamos enfrentar de frente alguns dos problemas que encontramos quando falamos desse tipo de coisa.

O mais fundamental que queremos abordar, brevemente, é o amilenismo, porque é a doutrina comumente ensinada nas igrejas denominacionais, tanto católicas quanto protestantes. É um subconjunto da outra coleção de problemas, ou vários deles, na verdade levanta a questão: a igreja entrará ou não na tribulação? Vamos examinar isto. Bem, antes de tudo, entendamos o retorno de Cristo para reinar, o seu direito de reinar. Há 1.845 referências no Antigo Testamento; 17 livros dão destaque ao evento; 218 referências no Novo Testamento, 216 capítulos, e 23 dos 27 livros do Novo Testamento fazem referência ao evento de Cristo voltar para reinar no planeta Terra.

Não "reinar nos nossos corações" e tudo isso — reinar na terra, reinar do trono de Davi; essa foi a promessa de Gabriel a Maria, Lucas 1.32 (*BKJF: «Ele será grande, e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de*

Davi, seu pai;»). O trono de Davi não existia naqueles dias. Para cada profecia da primeira vinda de Cristo, há oito da segunda vinda. É um evento bem documentado, bem documentado de antemão. Bem, de onde cargas d'água tiramos essa ideia de que ele não vai realmente vir reinar? Bem, na verdade isso remonta a Orígenes. Foi um escritor que fez muitas coisas boas, mas também tinha uma teoria de alegoria — a de que as Escrituras são, em sua maior parte, alegoria. E o perigo aqui é que, quando você tem uma alegoria, pode fazê-la significar quase qualquer coisa que você queira que ela signifique.

E Agostinho assimilou isso. Ele, fortemente influenciado por Orígenes, desenvolveu — produziu uma série de escritos maravilhosos, fixando algumas das heresias do seu tempo. Há uma longa lista deles. Mas o que ele também fez foi abraçar essa ideia do amilenismo, o Bispo de Hipona; ele fez muito, foi muito influente. Você precisa meio que entender a política daquela época. O Império Romano não só havia legalizado o cristianismo, naquela altura, depois de Constantino — o segundo sujeito depois dele o tornou a religião do Estado. Então os pastores eram funcionários do governo. Ora, você está num púlpito do governo e vai começar a pregar como Jesus vai voltar para livrar o mundo dos seus governantes perversos.

Não há nenhuma pesquisa de mercado por trás disso, há? É um pouco — não é exatamente politicamente correto. Bem, como eles lidam com todas essas passagens? Bem, falando alegoricamente: Cristo vai voltar e reinar nos corações das pessoas. E assim começam a encontrar maneiras de contornar isto. A ideia de um milênio literal — não, não, não. Alegorizando, descobriram como contornar isso. O problema é que os escritos de Agostinho, que abraçaram isto, deram-lhe a justificativa, e isso começa a ser codificado na igreja medieval. E se torna a doutrina central, não só da Igreja Católica, mas

também das igrejas protestantes. A escatologia católica romana baseia-se em Agostinho. E a Reforma fez algumas...

coisas maravilhosas na área da soteriologia, a salvação pela fé. Magnífico. As pessoas se deixavam de bom grado queimar na fogueira pelo seu compromisso com a salvação somente pela fé. Então não dá para desprezar isso; mas você tem de, ao se afastar e dar a nota, perceber que eles não foram longe o bastante para reexaminar a sua escatologia. Então simplesmente seguiram com o que já lhes haviam ensinado, o amilenismo agostiniano. A maioria das denominações protestantes de hoje que derivam da Reforma é, por um lado, amilenista e, por outro, pós-tribulacionista, como visões escatológicas. Isto é, não creem realmente num retorno literal à terra, num reinado sobre a terra, e também acham que a igreja, de algum modo, vai passar pela tribulação.

Acontece que essas duas ideias, por estranho que pareça, andam juntas. Há problemas com o amilenismo. Há promessas messiânicas por todo o Antigo Testamento que são incondicionais; e, se você não crê que Deus vai cumpri-las literalmente, está chamando Deus de mentiroso. São assim tão claras, tão específicas, tão autenticadas. E qual é o destino de Israel nas alianças de Deus? Essa é uma questão do Novo Testamento. Paulo, na sua exposição definitiva da doutrina cristã, chamada livro de Romanos, martela nos capítulos 9, 10 e 11: Deus ainda não terminou com Israel. Eles têm um destino profético. Você não entende isso. Lembre-se da promessa dada a Maria pelo anjo Gabriel, de que o seu filho reinaria no trono de Davi.

O trono de Davi não existia. É um trono político que não existia naqueles dias. E, é claro, há numerosas confirmações dessas coisas por todo o Novo Testamento. Ora, outra questão que é realmente integral a tudo isto. Se você for ao gabinete de qualquer pastor e olhar a sua estante, provavelmente vai encontrar um conjunto de livros que ele teve no seminário, chamado Teologia

Sistemática. Há diferentes obras por aí, padrão para diferentes grupos. Então é interessante: se você olhar o índice de qualquer uma delas, vai encontrar um índice mais ou menos assim, as divisões da teologia: bibliologia, o estudo da Bíblia; teologia propriamente dita, os atributos de Deus.

o estudo do Senhor Jesus Cristo — cristologia, como chamam; o estudo do Espírito Santo. Angeologia, o estudo dos anjos, tanto caídos quanto não caídos. Antropologia, com o que querem dizer o estudo do homem na Escritura. O estudo da soteriologia, a salvação. Essa foi a grande causa célebre durante a Reforma, é claro. Ecclesiologia, o estudo da igreja. E essa é uma fraqueza para muitos de nós, porque talvez não tenhamos lido, não tenhamos feito o dever de casa nessa área. Provavelmente não entendemos a maior parte das epístolas de Paulo, porque ele está lidando com problemas. Ele está dando soluções para problemas que nem sabíamos que tínhamos. E, é claro, a escatologia, os últimos tempos, as últimas coisas.

Ora, o interessante nesta lista: se você olhar quase qualquer conjunto da chamada teologia sistemática que comumente ensinamos nos seminários hoje, vai ver esta lista e descobrir, ao examiná-la, que eles deixam de fora um assunto que envolve cinco sextos da Bíblia. Há um assunto não listado aqui que é um dos principais assuntos da Bíblia, e é o estudo de Israel — a "israelologia". Israel como instrumento do programa de Deus. Não é um foco à parte. É espantoso, quando você se dá conta disso. Não admira que haja alguma confusão no horizonte. Israel e a igreja. Muitas pessoas foram ensinadas a crer que a igreja herda as promessas que foram dadas a Israel.

Isso significa que não entendem nem uma nem outra, porque têm origens diferentes, missões diferentes, destinos diferentes, destinos totalmente diferentes. E chamam isso de "teologia da substituição": a igreja substituiu Israel. Uma vez brinquei com Hal Lindsey: eu tinha feito um estudo e disse:

"Hal, tenho de admitir que me tornei um teólogo da substituição." Ele me olhou chocado. Pensou: sabe, fui melhor instruído do que pareço. Eu disse: "É, acho que Israel vai substituir a igreja, no plano de Deus depois do arrebatamento." Ele riu, percebeu o que eu estava fazendo. Eu só estava invertendo a coisa. Mas, enfim, as visões de substituição negam a Israel o seu lugar no programa de Deus, fazem de Deus um mentiroso e lançam as bases para o antissemitismo cristão.

De Agostinho a Auschwitz. Você segue o fio. E a tragédia é que está acontecendo de novo. Há um antissemitismo surgindo na igreja cristã que conduzirá ao próximo Holocausto. Você pensaria que teríamos aprendido. Hegel disse bem: a história nos ensina que o homem nada aprende com a história. Vamos descer pelo mesmo caminho de novo. A profecia das 70 semanas é outra questão. A razão de eu enfatizá-la: a profecia das 70 semanas que examinamos trata especificamente de Israel, não da igreja. São mutuamente exclusivos. Quanto mais você a estuda, mais percebe isso. Veja a dicotomia de Paulo — sabe, se você percorre as epístolas de Paulo, ele fala de tudo em três partes.

Judeus, gentios e a igreja: três grupos diferentes. Essas distinções — veja, "não há judeu nem grego", ele disse, a respeito da igreja. Em outras palavras, ou se é judeu, ou gentio, ou — lembre-se — a igreja. É assim que ele trata isso, várias vezes nas suas epístolas. Essas distinções reaparecem depois de Apocalipse 4. Uma das coisas espantosas que você estuda com cuidado no livro do Apocalipse, do capítulo 4 em diante, é ver de novo a ênfase nas doze tribos de Israel, e assim por diante. Você não entenderá o livro do Apocalipse a menos que entenda a sua judaicidade. Vamos dar uma olhada na escatologia. Como falamos, os amilenistas não creem que haja um milênio.

Nós estamos na extremidade oposta dessa escala, pré-milenistas. cremos que haverá um milênio literal. Houve um grupo, por alguns anos, que era pós-milenista. Diziam que já estamos no milênio. Essa foi uma visão popular até por volta da Primeira Guerra Mundial. Com as Guerras Mundiais, acho que essa visão, tal como originalmente codificada, está bem ultrapassada. As pessoas, acho, perceberam que não estamos no milênio. Ou, como alguém disse, se estamos no milênio, então a corrente de Satanás está comprida demais. Então... Mas, a partir da posição pré-milenista, se você reconhece que há um milênio — e supondo que você seja suficientemente fundamentado na Bíblia para entender isso...

... ainda há três subgrupos dentro disso em que você entra em discussões. E têm a ver com onde a igreja é arrebatada: pós-tribulacional, meio-tribulacional e pré-tribulacional. De onde estou tirando tudo isto? Se dermos uma olhada na 70ª semana, como fizemos antes, a Grande Tribulação — sabemos que ela é encerrada pela segunda vinda e pelo estabelecimento do milênio —, onde ocorre o arrebatamento da igreja? A visão clássica da igreja, ou das igrejas denominacionais, é o que se chama pós-tribulacional: creem que a igreja será arrebatada ao fim do período da tribulação. Isso a colocaria logo antes da segunda vinda.

Essa visão é amplamente sustentada, tem alguns problemas sérios. Vamos ver alguns deles. Entre os problemas — sabe, como, acho, alguém certa vez gracejou anos atrás: isso faz da ceia das bodas do Cordeiro um lanchinho rápido. Porque você sobe, é arrebatado, faz a ceia das bodas do Cordeiro, e desce de volta para a segunda vinda — sabe, fica meio estranho. Se você adota visões pós-tribulacionais, acontece que parte da sua dificuldade é que há um grande número de visões diferentes, e eles discutem entre si. Não há uma

visão codificada que seja pós-tribulacional. Payne e aqueles caras poderiam ser rotulados de pós-tribulacionismo clássico.

Reese e aqueles caras, semiclássicos, leves diferenças. O pós-tribulacionismo futurista é o de George Ladd, e assim por diante. E Robert Gundry, pós-tribulacionismo dispensacional. Todos esses são bons sujeitos. São bons estudiosos e amam o Senhor. Isso torna esta área difícil, porque essas pessoas não são más. Não é como se você estivesse combatendo algum tipo de seita desviante. Ao mesmo tempo, têm alguns problemas — voltarei a isso, deixarei alguns dos problemas. Antes de tudo, cada uma dessas visões tem de negar o ensino do Novo Testamento sobre a iminência. Somos ensinados a esperá-lo a qualquer momento. Se você é pós-tribulacionista, tem toda a 70ª semana de Daniel, tem a abominação da desolação, tem todas essas coisas que precisam preceder o arrebatamento da igreja.

Isso é contrário a todos os outros ensinamentos, veja. Exige a igreja na terra durante essa sétima semana. E isso traz toda sorte de problemas, porque Israel e a igreja são mutuamente exclusivos. E isso é um estudo à parte. Também implica que a igreja experimenta a ira de Deus. A nós é prometido que não a experimentaríamos: 1 Tessalonicenses 5.9, Romanos 3 e Apocalipse 3.10, e outras passagens semelhantes. E o problema fundamental que me incomoda: como pode a noiva vir com ele no arrebatamento? Ela tem de ser arrebatada primeiro. Há aí uma contradição. Há mais problemas. Quem vai povoar o milênio? Se a ressurreição dos santos — os mortos em Cristo — e os crentes vivos forem arrebatados na segunda vinda, e todos os incrédulos forem exterminados no seu juízo, quem vai povoar o milênio?

Quem sobra? Soa engraçado à primeira vista, mas é um problema real. E quem são os do juízo das ovelhas e dos bodes, em Mateus 25? Isso é perguntar a mesma coisa de outra maneira. Como podem as virgens de Mateus 25

comprar azeite sem a marca da besta? Isso autentica todo aquele modelo do casamento judaico de que eu falava antes. Então a posição pós-tribulacional é a adversária clássica da posição pré-tribulacional. Mas há os que reconhecem que a igreja não passará pela tribulação, e corretamente apontam que a tribulação é a última metade da semana; então creem que o arrebatamento ocorre durante a 70ª semana, mas antes da segunda metade.

Bem, eles podem ser elogiados por essa percepção, porque obviamente concordamos com isso; mas, ao mesmo tempo, também colocam a igreja na terra durante a 70ª semana, e isso cria outros problemas. Há uma variante dessa visão, e ela ganhou certa visibilidade, chamada posição "pré-ira" (pre-wrath). O rótulo é infeliz, porque todos nós argumentaríamos que os pré-tribulacionistas e os meio-tribulacionistas defendem que é antes da ira; mas eles usaram isso como título. Mas, além de outros problemas que têm, antes de tudo eles colocam o arrebatamento a três quartos do caminho da 70ª semana. E assim, todas as refutações que se aplicam à posição meio-tribulacional se aplicam a eles também.

É trágico, sob muitos aspectos, porque as pessoas de quem estamos falando, que defendem algumas dessas posições, são pessoas que amam o Senhor. São bons estudiosos. Rosenthal tem um ministério maravilhoso. É um escritor e líder muito, muito notável de muitas maneiras. É lamentável que tenha se enredado, na minha opinião, nessa visão desviante, que foi, francamente, na minha opinião ao menos, bastante esfacelada por Stanton e outros. A maioria dos escritores fez uma análise específica da posição. E ela tem autocontradição. O problema principal, sem entrar em tudo isso aqui, porque não quis gastar tempo martelando algumas dessas coisas, é que eles negam a iminência.

Todas essas visões negam a iminência. E eu posso encerrar a minha argumentação aí. A posição pré-tribulacional — a maioria das pessoas, você vai notar

que fazemos isto um pouco diferente: a maioria coloca o arrebatamento pré-tribulacional no início da 70ª semana, mas isso leva a uma suposição que não é correta. O arrebatamento não dispara a 70ª semana de Daniel. Pode disparar, mas não precisa. Pode estar um pouco à frente disso, e vou lhe mostrar por quê daqui a pouco. Mas a posição pré-tribulacional é a única com a qual se pode defender uma doutrina da iminência, que é claramente ensinada por todo o Novo Testamento. O arrebatamento precede a tribulação de várias maneiras.

A 70ª semana é definida pela aliança do futuro líder mundial. A Grande Tribulação é a última metade dessa 70ª semana. O líder não pode ser revelado senão depois do arrebatamento, e o líder tem de ser o sujeito que a define. Em outras palavras, a sequência tem de ser: o arrebatamento, a revelação do líder, o líder estabelece os sete anos, e então a última metade desses sete anos, a tribulação. Então a igreja é removida não apenas antes da tribulação, mas antes da 70ª semana. Na verdade, a distância entre o arrebatamento e a 70ª semana tem de ser uma distância que pode ser de um dia.

Podem ser três. Trinta anos. É nesse intervalo, entre o arrebatamento e o início da semana, que o líder tem de emergir publicamente, tornar-se forte o bastante para impor aquele tratado. Pode ser um dia, podem ser semanas, podem ser anos — não sabemos. Ora, 2 Tessalonicenses 2: se fôssemos fazer um estudo sério disto, percorreríamos e faríamos cuidadosamente uma exegese de 2 Tessalonicenses 2, mas deixe-me lhe dar o resumo. Os tessalonicenses estavam realmente perturbados porque pensavam que a tribulação havia começado. Os romanos agora começavam a pegar pesado com eles. Estavam perturbados.

Pensavam que ou tinham perdido o arrebatamento, ou que Paulo os havia ensinado errado. Circulava entre eles uma carta que era uma falsificação atribuída a Paulo. E ele escreve 2 Tessalonicenses para refutar essa

falsificação. Então a segunda carta aos tessalonicenses basicamente trata de: "ei, pessoal, lembrem do que eu lhes ensinei." E ele refresca a memória deles, justamente provando-lhes que não tinham perdido o arrebatamento, que a tribulação ainda não havia começado. Podiam estar passando por problemas, mas não é a tribulação. Ele fala do Dia do Senhor. Esse é um termo usado de dois modos diferentes, conotativo e denotativo. Mas, de todo modo, é certamente o grande clímax.

"Porque aquele dia, o Dia do Senhor, não virá sem que antes venha a apostasia." A maioria dos estudiosos entende que a palavra é apostasia. Entendem que é uma referência a um tempo de apostasia que tem de vir primeiro. Voltarei a isso, porque há outra visão, mas voltarei. "Aquele que agora retém reterá, até que seja afastado." O versículo 8 diz: "e então será revelado esse iníquo." A sequência de eventos aqui é: uma apostasia, o que retém é removido — e vamos argumentar que o que retém tem de ser o Espírito Santo, pelo uso do grego.

Além do fato de que a única coisa que jamais conteve o pecado é Deus. Deus, o Espírito Santo — não os anjos, não o governo romano, não a igreja no sentido habitual. Quando o que retém é removido — que é a igreja e o Espírito Santo —, então o homem do pecado será revelado. O ponto é que esta é uma daquelas passagens que indicam que o líder, o homem do pecado, virá depois do arrebatamento. É um pré-requisito. Ele não pode ser revelado até que o Espírito Santo seja retirado da igreja. E então chegamos ao Dia do Senhor. Então um estudo cuidadoso de 2 Tessalonicenses 2 vai expor isso para você.

Ora, como mencionei, a escatologia tem essas — não vou percorrer todas — há algumas outras variantes. Há o preterismo em ascensão; pessoas dizem que não há profecia, que tudo já se cumpriu no passado. Isso, de novo, exige uma enorme alegorização da Escritura. Há os reconstrucionistas, que dizem que

Israel, na verdade, que a igreja é, na verdade, Israel, e tudo aquilo. Vamos descartar isso, não é o nosso assunto. São questões, mas não são apenas questões de arrebatamento. A maioria das denominações está no lado esquerdo deste gráfico: são amilenistas e pós-tribulacionistas. Na extremidade direita do gráfico, você tem o que se chamam fundamentalistas. Pessoas que levam a Bíblia a sério, assim tão a sério, literalmente, e assim por diante; e seriam pré-milenistas, pré-tribulacionistas.

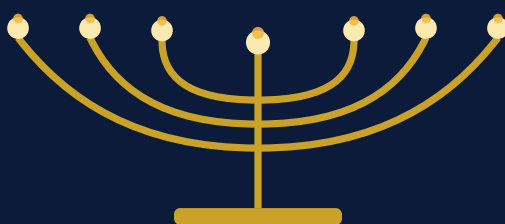
O interessante é que onde você se senta neste gráfico vai derivar da sua hermenêutica. Hermenêutica é a sua teoria de interpretação. Se você está disposto a alegorizar a Escritura — dizer "ah, é só simbólico" —, você vai pender para o lado direito do gráfico. Se você tem uma disciplina diferente, se acha que a Bíblia significa o que diz e diz o que significa, se você tende ao literalismo, estaria do lado direito do gráfico. Ora, eu fui assim a maior parte da minha vida; mas tenho de admitir que, várias vezes ao longo dos meus 50 anos de estudo, muitas vezes me deparei com algo em que tive de revisar a minha visão.

Mas o interessante é que, toda vez que isso aconteceu na minha vida — e foram várias —, foi sempre que eu não a tinha tomado literalmente o bastante. Quando leio Mateus 5.17-18 (*BKJF: «Não penseis que eu vim destruir a lei ou os profetas; eu não vim para destruir, mas para cumprir. Porque na verdade eu vos digo: Até que passem o céu e a terra, um iota ou um traço de letra, não passará da lei, até que tudo seja cumprido.»*), "nem um jota ou um til passará da lei, sem que tudo seja cumprido", isso me empurra para o literalismo. E, à medida que começo a estudar cada vez mais, vejo como as peças se encaixam, e percebo que se encaixam ainda mais claramente quanto mais literalmente você toma as passagens. Não estou falando agora de figuras de linguagem, isso é todo um

outro estudo. Então, algumas pessoas dizem que o pré-tribulacionismo é uma posição nova; isso não é verdade.

Você vai encontrar como pré-tribulacionistas a Epístola de Barnabé, no primeiro século; Irineu, em "Contra as Heresias"; Hipólito — esses no segundo século; Justino Mártir. Efrém, o Sírio — esta é uma descoberta interessante feita há apenas alguns anos. Efrém de Nísibis foi um grande escritor da Igreja Oriental, não da Igreja Latina, da Igreja Oriental. Muitos, muitos dos seus hinos, muitos dos seus sermões nunca foram traduzidos. E isto foi descoberto por Grant Jeffrey, Thomas Ice e Timothy Demy. E eles contrataram a tradução, mandaram traduzir e confirmar. Em um dos sermões — isto é por volta de 306 e 373 d.C. —

num sermão sobre os últimos tempos, o Anticristo, o fim do mundo, Efrém disse: "porque todos os santos e eleitos de Deus são reunidos antes da tribulação que está para vir, e são levados ao Senhor, para que não vejam a confusão que há de assolar o mundo por causa dos nossos pecados." Uma das frases desse sermão. O ponto sendo apenas este — não que ele esteja certo ou errado —, é só que esta visão não é nova. É a visão da igreja primitiva. Era a visão da igreja do Novo Testamento. É a visão das igrejas primitivas. E, além disso, dá para rastrear um remanescente desse tipo de ensino por toda a história da igreja.



Não vou levá-lo por toda essa lista. Foi popularizada por Edward Irving, John Darby, Margaret McDonald, no início do século XIX. Mas eles não a inventaram. Apenas a popularizaram. Mais uma coisa que quero lhe apresentar antes de encerrarmos: a arquitetura do Livro do Apocalipse. Há muitas, muitas coisas que eu poderia escolher. Vou pegar só algumas. Há candelabros que aparecem, que são proeminentes no capítulo 1. Eles são identificados, e o último versículo do capítulo 1 está identificando a igreja. Os capítulos 2 e 3 são as sete igrejas referidas. Voltarei a isso. Do capítulo 4 em diante, você não encontra os candelabros na terra.

Você os encontra no céu, quando João chega lá, no quinto versículo do capítulo 4. Os candelabros representam a igreja. Estão no céu no capítulo 4. Eu sustento que João está modelando, por assim dizer, o arrebatamento, quando é chamado para cima e brindado com uma prévia de tudo o que está por vir. Vamos aos 24 anciãos. Há muita confusão sobre isto, que não deveria existir. Os 24 anciãos são muito proeminentes, e eles identificam quem são. Identificam-se como os redimidos, no capítulo 5, versículos 9 e 10. De 50 manuscritos, um deles usa a terceira pessoa. Todos os outros usam "que nos remiu", na primeira pessoa.

"que nos remiu de toda tribo e nação." E um manuscrito tem ali uma segunda pessoa, e algumas pessoas tentam construir uma tese sobre isso. Os 24 anciãos identificam-se a si mesmos. E o ponto é que os 24 anciãos representam a igreja; tenha em mente que há apenas um grupo de pessoas que são sacerdotes e reis. Melquisedeque era rei e sacerdote. Jesus é rei e sacerdote. E os seus redimidos são reis e sacerdotes — 1 Pedro, e assim por diante. Esses sujeitos — o sacerdócio eram as 24 turmas que Davi organizou. Se você estuda o

número 24, ele ocorre apenas uma vez na Bíblia, quando Davi institui as 24 turmas dos sacerdotes e do templo.

Enfim, os 24 anciãos adoram o Cordeiro antes de ele receber o livro selado com sete selos. É depois que eles o adoram. A tribulação começa quando o livro de sete selos é aberto. Então você capta a sequência aqui. Os santos estão no céu. Eles adoram o Cordeiro. Ele recebe o rolo. Ele abre o rolo. Isso dá início à tribulação. A igreja está no céu antes disso. É claro que, do capítulo 6 em diante, é o detalhamento da 70ª semana de Daniel, até o clímax de Apocalipse 19, onde o noivo e a noiva têm as suas bodas, e assim por diante. Ora, além disso, se você for estudar as sete igrejas do Apocalipse, vai descobrir que há sete igrejas que são igrejas representativas.

Por que essas sete? Porque elas traçam o perfil da história da igreja: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia. De todas as passagens do Apocalipse com as quais vale realmente se familiarizar são os capítulos 2 e 3. São os únicos que se relacionam com você e comigo. Acontece que estão na ordem específica em que estão, e acontece que expõem a história da igreja: a Igreja Apostólica, a Igreja Perseguida, a Igreja Casada (comprometida), a Igreja Medieval, a Igreja Denominacional, a Igreja Missionária e a Igreja Apóstata. Não tome isto deste gráfico como dogma; use-o apenas como estímulo para fazer o seu próprio trabalho. É interessante que as três primeiras — vou chamá-las de grupo A — são distintivas na estrutura, em que as promessas dadas aos vencedores vêm como pós-escrito, ao final das cartas.

O segundo grupo, vou chamá-lo de grupo B, tem dois traços distintivos. As promessas estão no corpo da carta — promessas da vinda iminente. São de algum modo diferentes. Mas também, cada uma das quatro últimas tem referências explícitas à segunda vinda. Aliás, a uma delas, Tiatira, é prometido que entrará na Grande Tribulação. Isso, em si, é interessante, porque implica que

as outras não entrarão. É um traço distintivo que Tiatira leia a carta. Há uma das quatro a quem foi prometido que não entraria no tempo da tribulação. Algumas das outras são problemáticas. Vamos deixar você estudar essas.

Se Tiatira é a igreja medieval, ou a igreja católica, então Sardes deve ser a igreja protestante. É uma das duas cartas sobre as quais nada de bom é dito. Isso deveria nos fazer pausar um pouco. Mas o que devemos reconhecer, ao estudar as sete cartas, as sete igrejas, é que cada uma se surpreendeu com o seu boletim. Todas as sete se surpreenderam com o boletim. As que pensavam estar indo bem não estavam; as que pensavam não estar indo bem estavam ótimas. Isso deveria nos fazer pausar para realmente entender as sete cartas. Bem, sabemos, por uma porção de razões, que estamos nos aproximando do fim de tudo isto.

Se você quer cronometrar, basta olhar para Israel. É o relógio de Deus. Por muitas razões, podemos inferir que a 70ª semana está se preparando para acontecer. Temos, é claro, a Batalha do Armagedom. Temos o templo sendo reconstruído como condição para a abominação... Não sabemos o que será reconstruído, porque pode ser construído antes da 70ª semana, ou durante a primeira metade. Tudo o que sabemos é que ele estará de pé pelo meio daquele período de sete anos, porque Jesus, Paulo e João todos fazem referência a ele ali, no tempo do fim. Há a grande questão: a invasão de Mague.

A localização clássica dela é como parte do cenário do Armagedom. Hal Lindsey e muitos outros estudiosos muito competentes sustentam essa visão. Há alguns de nós que têm uma visão diferente. Grant Jeffrey, Chuck Smith, eu mesmo e alguns outros cremos, por uma série de razões técnicas, que a invasão de Mague ocorre antes da 70ª semana. Ora, quem está certo ou errado não importa. Eles podem se mostrar certos. O ponto principal é que

todos nós concordamos em uma coisa: ela acontece depois do arrebatamento da igreja. A de Magogue é uma daquelas coisas que acontecem depois do arrebatamento da igreja, por causa da doutrina da iminência e de mais umas quatro ou cinco coisas.

Então, de todo modo, está próximo. Porque a invasão de Magogue — vemos agora, e há muitos anos, que a Turquia ser pró-Occidente era um indicador importante. É a única que não estava no quadro. Mas isso acabou. O partido islâmico acaba de vencer as eleições. É de se esperar que a Turquia se incline para o leste. A Turquia é uma peça importante. Não estão prontos a fazer isso no mês que vem, ou o que for. Ainda há 16 acordos com os israelenses para compartilhar bases, e assim por diante. Mas, à medida que o tempo passa, a Turquia será cada vez mais adversa a Israel. E a invasão de Magogue de que Ezequiel fala poderia estar toda posicionada, implicando uma troca nuclear.

Há 10 razões pelas quais creio que a Igreja subirá antes da tribulação. Antes de tudo, o fato de nos ser prometido sermos guardados da hora da provação, Apocalipse 3.10. E a palavra *ek ali*, "para fora de" algo — é dela, aliás, que vem a palavra "êxodo"/"exit". A igreja não é o objeto da ira de Deus, em Apocalipse 6.16 (*BKJF: «e diziam às montanhas e às rochas: Caí sobre nós, e escondei-nos da face daquele que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro.»*). Contraste isso com 1 Tessalonicenses 5.9. Há também um versículo em Lucas 21, versículo 36, onde diz: "Vigiai, pois, em todo o tempo, orando, para que sejais havidos por dignos de escapar de todas essas coisas que hão de acontecer, e de estar em pé diante do Filho do homem."

Você escapa da tribulação, não a suporta. Como você faz isso, aliás? Isso implica que há um meio de ficar fora dela, certo? Você acompanhou? "Vigiai, pois, em todo o tempo, orando, para que sejais havidos por dignos de escapar de todas essas coisas." Como você faz isso? Você faz isso estando no corpo

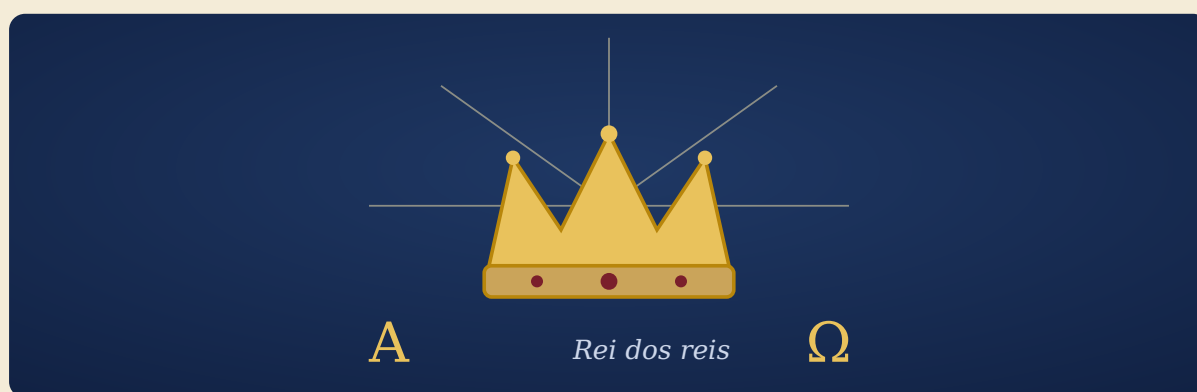
dele, que é arrebatado. Outro versículo em Lucas 21: "quando essas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima." Ele diz: olhe para cima, não olhe para os lados. Você não encontra nenhuma exortação à igreja para ficar de olho no Anticristo. Cuidado, vigiai — não, não: olhe para cima.

A primeira coisa antes de uma guerra é você chamar os seus embaixadores de volta para casa. 2 Coríntios 5.20 (*BKJF: «Agora então nós somos embaixadores de Cristo, como se Deus vos suplicasse por nós. Nós oramos, em nome de Cristo, que vos reconcilieis com Deus.»*) nos chama de embaixadores de Cristo. E, antes que a guerra comece, ele vai chamar os seus embaixadores para casa. O que retém é removido antes do Anticristo — 2 Tessalonicenses 2, vimos isso. O arrebatamento ocorre num abrir e fechar de olhos, não como uma atividade prolongada. É outra questão que você pode esmiuçar. Acontece nos ares, não na terra. E a mulher de Apocalipse 12 é Israel, não a igreja. É o corpo do filho que é arrebatado. E, é claro, a própria ceia no céu. Ela inclui os arrebatados, e acontece antes de Apocalipse 19, versículos 11 a 14.

Aliás, eu selecionei estas 10 de um total de 50 que estão listadas no livro de John Walvoord, "The Rapture Question" (A Questão do Arrebatamento). Há bastante literatura sobre o assunto para quem quiser fazer o seu dever de casa. Então, vamos concluir. Vamos falar da proposta. Como tudo isto vai afetar você — é essa a questão. Lá em João 14, dissemos, o Senhor disse: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim." E nós realmente cremos? Alguns versículos depois ele diz: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim." Jesus Cristo ou era Deus, ou não era.

Ou ele sabia disso, ou não sabia. Se ele não era Deus e não sabia disso, é um lunático. Isso se pode descartar com bastante facilidade. Se ele não era Deus e

sabia disso, é um mentiroso. Ele certamente afirmou ser a voz da sarça ardente, etc. Isso significa que, se ele era Deus, é o nosso Senhor. Ele era exatamente quem disse ser, e você pode prová-lo pelas Escrituras. Então deixe-me falar um pouco sobre isso antes de encerrarmos. Vamos concluir. Vamos falar dele. Falamos muito de escatologia. Vamos falar dele. Ele é o Rei dos judeus. Ele vai literalmente assumir o trono de Davi em Israel, o que significa também um rei nacional.



“Rei dos reis e Senhor dos senhores” — o Alfa e o Ômega.

Ele é o Rei de Israel. É o Rei de todas as eras, o Rei do céu, o Rei da glória, e Rei dos reis e Senhor dos senhores. E a verdadeira questão é: você o conhece? Você realmente o conhece? Ele foi profeta antes de Moisés; sacerdote à maneira de Melquisedeque; campeão como Josué; oferecido no lugar de Isaque; rei da linhagem de Davi; conselheiro sábio acima de Salomão; filho amado, rejeitado e exaltado, como José, porém muito mais. Os céus desejam a sua glória. O firmamento anuncia a obra das suas mãos. Ele, que é, que era e sempre será; o primeiro e o último, o Alfa e o Ômega, o Alef e o Tau, o A e o Z.

Ele foi as primícias dos que dormiam. Ele é o "Eu Sou o que Sou". É a voz da sarça ardente. Foi o príncipe do exército do Senhor. Foi o conquistador de Jericó. É duradouramente forte, inteiramente sincero, eternamente firme. É

imortalmente cheio de graça, imperialmente poderoso, imparcialmente misericordioso. Nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro. É o nosso parente remidor, e é também o nosso vingador do sangue. E é também a nossa cidade de refúgio. É um sumo sacerdote em pleno exercício, o nosso profeta pessoal, o nosso rei reinante. É a ideia mais elevada da literatura. É a mais alta personalidade da filosofia. É a doutrina fundamental da teologia.

E é o problema central da alta crítica. É o milagre de todas as eras, o superlativo de tudo o que é bom. Você e eu somos os beneficiários de uma carta de amor. Foi escrita em sangue, sobre uma cruz de madeira erguida na Judeia há cerca de 2.000 anos. Ele foi crucificado numa cruz de madeira, e, no entanto, foi ele quem fez a colina sobre a qual ela se ergueu. Por ele foram feitas todas as coisas que foram feitas. Sem ele nada do que foi feito se fez. E por ele todas as coisas subsistem. E o que o manteve naquela cruz? Não foram os pregos. A qualquer momento, ele poderia ter dito: já chega.

"Estou indo embora." Foi o seu amor por você e por mim. Amor espantoso. Ele nasceu de mulher para que pudéssemos nascer de Deus. Ele se humilhou para que pudéssemos ser elevados. Tornou-se servo para que pudéssemos ser feitos co-herdeiros com ele. Sofreu rejeição para que pudéssemos nos tornar seus amigos. Negou a si mesmo para que pudéssemos receber livremente todas as coisas. E deu a si mesmo para poder nos abençoar de todas as maneiras. Ele está disponível para os tentados e provados. Abençoa os jovens. Purifica os leprosos. Defende os fracos. Liberta os cativos.

Quita as dívidas dos devedores. Perdoa os pecadores. Confere direito aos mansos. Guarda os sitiados. Cura os enfermos. Provê força aos fracos. Considera os idosos. Recompensa os diligentes. Serve os desafortunados. Compadece-se e salva. Os seus ofícios são múltiplos. O seu reinado é justo. As

suas promessas são certas. A sua bondade é ilimitada. A sua luz é incomparável. A sua graça é suficiente. O seu amor nunca muda. A sua misericórdia é eterna. A sua palavra basta. O seu jugo é suave e o seu fardo é leve. Eu gostaria de poder descrevê-lo a você. Ele é indescritível. É incompreensível. É irresistível. É invencível. O céu dos céus não pode contê-lo.

O homem não consegue explicá-lo. Os fariseus não o suportavam, mas logo aprenderam que não conseguiam detê-lo. Pilatos não conseguiu achar nele culpa alguma. O representante pessoal do governante do mundo não conseguiu lutar contra ele. As testemunhas não conseguiram concordar contra ele. Herodes não conseguiu matá-lo. A morte não conseguiu dominá-lo. A sepultura não conseguiu retê-lo. Ele sempre foi e sempre será. Não teve predecessor, e não terá sucessor. Você não pode destituí-lo, e ele não vai renunciar. O seu nome é sobre todo nome, para que ao nome de Yeshua todo joelho se dobre, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor. Dele é o reino, e o poder, e a glória, para todo o sempre.

Amém. "Uau" é a palavra certa. Aleluia. Que prazer. Vamos refrescar a memória de João 14 e reexaminar a promessa que ele lhe deu. Ele disse: "Na casa de meu Pai há muitas moradas; se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E, se eu for preparar-vos lugar, virei outra vez e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também." Note o uso: esse "vós" é você, eu espero. Veja, essa é a verdadeira questão. Espero que você resolva, na privacidade da sua própria vontade: ele está vindo buscar você? Não importa a que igreja você vá, a que denominação esteja filiado, quão fielmente tenha frequentado a Escola Dominical, o que for — não é essa a questão. A questão é o seu relacionamento pessoal com ele: você faz parte da sua noiva, que aguarda iminentemente o seu retorno?

Pode ser esta noite, pode ser amanhã, na semana que vem — não sabemos. Mas ele vem buscar os seus. Ele está vindo buscar você? Inclinem a cabeça para uma palavra de oração. Pai, agradecemos-te pelo nosso noivo. Agradecemos-te pelo nosso Salvador, que foi a tais extremos para que pudéssemos viver, para que pudéssemos ter comunhão e intimidade por toda a eternidade contigo, Pai. Não por mérito algum que tenhamos, mas inteiramente por causa dos extremos a que ele foi. Agradecemos-te, Pai, pelo nosso Salvador. Agradecemos-te pela nossa redenção. Agradecemos-te, Pai, pelas certezas que nos deste do nosso chamado. Agradecemos-te, Pai, que temos o privilégio indizível de fazer parte do seu corpo.

Oramos, Pai, para que, por meio do teu Espírito Santo, nos conserves separados, nos conserves concentrados. Oramos, Pai, por meio do teu Espírito Santo, que reacendas em cada um de nós uma nova fome, uma nova paixão pela tua palavra. E que, por meio do teu Espírito Santo, ilumines diante de nós aquele caminho; ajuda cada um de nós, Pai, a crescer na graça e no conhecimento do nosso Senhor e Salvador; ajuda cada um de nós, Pai, a sermos mordomos mais frutíferos destes dons e promessas incríveis. Então, em todas estas coisas, Pai, possamos ser agradáveis aos teus olhos, ao nos entregarmos sem reserva alguma, em nome de Yeshua, a nossa bendita esperança, enquanto aguardamos o seu aparecimento.

CONTINUE O ESTUDO

A Tribulação e o Arrebatamento: a 70ª Semana de Daniel

Se o arrebatamento remove a Igreja antes da tempestade, o que é exatamente essa tempestade? Veja, num estudo visual interativo, por que a Grande Tri-

bulação é a 70^a semana determinada sobre Israel — com a linha do tempo, a conta dos sábados e Romanos 11.

Abrir o estudo →